

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DAS CIÊNCIAS

ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA ABORDAGEM PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

ROSANE CAPISTRANO MAXIMO FERREIRA

ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA ABORDAGEM PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

ROSANE CAPISTRANO MAXIMO FERREIRA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade do Grande Rio, para o Exame de Qualificação.

Área de Concentração: Ensino das Ciências na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Ensino de Ciências: Relações Sociais e Cidadania

Orientadora
Prof^a. Dr^a. Beatriz Brandão dos Santos
Prof^a. Adjunta
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio



PPGEC
Programa de Pós-Graduação
em Ensino das Ciências

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

F383e Ferreira, Rosane Capistrano Maximo.

Ensino por investigação na educação infantil: uma abordagem para a promoção da educação em saúde / Rosane Capistrano Maximo Ferreira. – Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2025.

111 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Brandão dos Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Rio de Janeiro, 2025.

1. Alfabetização científica. 2. Educação em saúde. 3. Educação infantil. 4. Pediculose. I. Santos, Beatriz Brandão dos. II. Título. III. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”.

CDD: 370

Rodrigo de Oliveira Brainer CRB-7: 6814

ROSANE CAPISTRANO MAXIMO FERREIRA

**ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Uma abordagem para a Promoção da Educação em Saúde**

Dissertação submetida à Banca Examinadora como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2025, por:

Documento assinado digitalmente
 **BEATRIZ BRANDAO DOS SANTOS**
Data: 20/05/2025 15:37:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Beatriz Brandão dos Santos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências - PPGE
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO-Afya)

Documento assinado digitalmente
 **HAYDEA MARIA MARINO DE SANT ANNA REIS**
Data: 20/05/2025 18:01:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra Haydea Maria Marino de Sant'Anna Reis
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências -- PPGE
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO-Afya)

Documento assinado digitalmente
 **JULIO VIANNA BARBOSA**
Data: 20/05/2025 15:21:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Julio Vianna Barbosa
Programa de Pós-Graduação Ensino em Biociências e Saúde – IOC/FIOCRUZ
Instituto Oswaldo Cruz – (IOC/FIOCRUZ)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANO LUZ GONZAGA**
Data: 20/05/2025 17:46:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luciano Luz Gonzaga
Secretaria Estadual de Educação – (SEEDUC)

Duque de Caxias - RJ
Fevereiro/2025

Dedico esse trabalho ao meu Abba, por me proporcionar essa oportunidade e me dar forças para concluí-la. Ao meu marido Edinho e aos meus filhos Andrey e Ágatha por se privarem da minha presença em muitos momentos e serem tão parceiros, vibrando com minhas conquistas.

“Me movo como educador, porque,
primeiro, me movo como gente”.
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Foram muitas emoções nesses anos de mestrado. Um misto de sentimentos, desde a alegria de ter passado no processo seletivo e a conquista de uma bolsa de estudos, até o desespero em ter que dar conta de inúmeros textos, artigos, trabalhos, leituras e isso tudo conciliando com o trabalho, família e vida pessoal.

Mesmo diante de tantos desafios, as aprendizagens foram muitas e o avanço acadêmico uma realização pessoal concluída com sucesso.

Meu primeiro agradecimento vai para a minha família. Sem eles, eu não teria conseguido. Sou grata pelo marido parceiro que me incentiva e me motiva a realizar os meus sonhos. Aos meus filhos, Andrey e Ágatha, desejo que nunca desistam de seus objetivos, posso não deixar milhões em herança, mas a certeza de exemplo de perseverança e fé eu deixarei como legado. Obrigada por vocês sonharem comigo, por renunciarem a minha presença algumas vezes e compreenderem que era o meu momento de estudar, por estarem no dia da matrícula no mestrado, parando tudo que estavam fazendo naquele dia para me acompanhar, é como se me dissessem: o que é importante para você é importante para nós! Vocês são meus amores, que família linda eu tenho! Amo vocês!

Agradeço aos meus colegas mestrados por toda parceria, e aos professores que passaram por minha jornada na Unigranrio-Afya. A professora Andrea Velloso, minha primeira orientadora, apesar do pouco tempo, ela sempre tinha altas ideias que eram tão grandes quanto a profissional que ela é. Professor Luciano que me deu medo no início, mas que depois se mostrou parceiro e contribuiu significativamente com minha pesquisa. Professora Haydea e Denise, com as doçuras de seus ensinamentos, professora Eline com sua alegria impar e professora Marcia, a Dorinha, sempre com boas considerações e pegou no meu pé quanto ao gerúndio. Levarei todos vocês no coração, mas acima de tudo lembrarei de vocês como profissionais que cooperaram com minha trajetória acadêmica.

Agora à minha orientadora querida, professora Beatriz Brandão, você foi um anjo que Deus enviou para me ajudar e sempre me dizer, vamos conseguir! Obrigada por cada suporte e por colocar a minha disposição sua inteligência, perspicácia e a disponibilidade de me orientar até fora de seu horário de trabalho. Me sinto honrada de ter sido orientada por você. Muito obrigada!

Apesar de todos os agradecimentos mencionados, nada disso teria acontecido se não fosse da permissão de Deus, que rege a minha vida e me guia por seus caminhos. Ao Senhor toda glória e toda honra! O primeiro lugar sempre será Dele. Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Rosane Capistrano Maximo Ferreira. **Ensino por Investigação da Educação Infantil: Uma abordagem para a promoção da Educação em Saúde, 2025.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências – Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO, Duque de Caxias. Rio de Janeiro. 2025.

RESUMO

Nas escolas de primeira infância é comum a ênfase em apresentar o mundo letrado e trabalhar o letramento matemático com as crianças, mesmo que não haja obrigatoriedade de alfabetização na Educação Infantil. Porém, a alfabetização Científica é pouco, ou nada explorada nessa etapa da Educação Básica, sendo frequentemente negligenciada. Como forma de aprofundar os conhecimentos científicos das crianças de três e quatro anos de idade que vislumbrou-se inserir a investigação científica através de uma abordagem que promova a Educação em Saúde, buscando como tema central um assunto muito prevalente na primeira infância, que é a pediculose. No contexto de creche, onde as crianças têm um contato muito próximo na rotina diária, na hora de dormir e no compartilhamento de objetos, a infestação de pediculose torna-se um desafio e uma ameaça à saúde das crianças no cotidiano de uma Instituição de Educação Infantil. Com intencionalidade, buscou-se através do objetivo geral: relacionar a pediculose com o ensino de Ciências, desenvolvendo o jogo educativo chamado de “Ilhas das Descobertas” sobre a pediculose, que estimule a Alfabetização Científica e contribua para o conhecimento e mudanças de práticas de Educação em Saúde na Educação Infantil, tendo por base os seguintes objetivos específicos: (i) relacionar a pediculose com o ensino de Ciências, (ii) desenvolver ações que estimule a Alfabetização Científica; (iii) problematizar a articulação entre a investigação científica e situações cotidianas que envolvam a Educação em Saúde; (iv) e aproximar a cultura da criança com a cultura científica. A metodologia desenvolvida nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas para as duas professoras e seis auxiliares das turmas de três e quatro anos e roda de conversa, gravação de vídeos e áudios com transcrição de trechos, além de registro de fotos com as profissionais de educação, com as crianças pequenas e seus responsáveis, no contexto de uma creche do município de Duque de Caxias-RJ. A análise de dados foi pautada na Análise de Livre Interpretação e constatou a importância de trabalhar a Educação em Saúde, através das brincadeiras e interações de forma intencional e planejada, para promover o conhecimento sobre a Pediculose na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Alfabetização Científica. Educação em Saúde. Pediculose.

ABSTRACT

In early childhood schools, it is common to emphasize introducing children to the literate world and working on mathematical literacy, even though literacy is not mandatory in Early Childhood Education. However, scientific literacy is little or not explored at all at this stage of Basic Education, and is often neglected. As a way of deepening the scientific knowledge of three and four-year-old children, we envisioned including scientific research through an approach that promotes Health Education, seeking as a central theme a very prevalent issue in early childhood, which is head lice. In the context of daycare, where children have very close contact in their daily routine, at bedtime and when sharing objects, head lice infestation becomes a challenge and a threat to children's health in the daily life of an Early Childhood Education Institution. With intentionality, we sought through the general objective: to relate pediculosis with the teaching of Sciences, developing the educational game called "Ilhas das Descobertas" about pediculosis, which stimulates Scientific Literacy and contributes to the knowledge and changes in Health Education practices in Early Childhood Education, based on the following specific objectives: (i) relate pediculosis with the teaching of Sciences, (ii) develop actions that stimulate Scientific Literacy; (iii) problematize the articulation between scientific research and everyday situations that involve Health Education; (iv) and bring the culture of the child closer to scientific culture. The methodology developed in this research was a qualitative approach, of an applied nature, with structured questionnaires and semi-structured interviews for the two teachers and six assistants of the three and four-year-old classes and discussion circles, recording of videos and audios with transcription of excerpts, in addition to taking photos with the education professionals, with the young children and their guardians, in the context of a daycare center in the city of Duque de Caxias-RJ. Data analysis was based on Free Interpretation Analysis and confirmed the importance of working on Health Education, through games and interactions in an intentional and planned way, to promote knowledge about Pediculosis in Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education. Scientific Literacy. Health Education. Pediculosis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EI	Educação Infantil
AC	Alfabetização Científica
ES	Educação em Saúde
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PSS	Processo Seletivo Simplificado
ADEB	Auxiliar de Desenvolvimento da Educação Básica
EMI	Estimuladora Materno Infantil
RC	Roda de Conversa
ALI	Análise de Livre Interpretação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de Duque de Caxias em bairros	40
Figura 2 – Município de Duque de Caxias em distritos.....	40
Figura 3 – Mãe e filho do piolho	60
Figura 4 – Pai e os filhos desenhado por Laura	61
Figura 5 – A criança Rafael desenhou muitos piolhos e disse que eles são pequenos	61
Figura 6 – A criança Fábio alegou não saber desenhar o piolho	61
Figura 7 – Sabrina desenhou a mãe piolho e os filhinhos	62
Figura 8 – A criança Antonio desenhou um piolho grande	62
Figura 9 – A criança Elias pintou o piolho colorido, depois refletiu e disse: “Tia, pinte errado. Ele é preto!	62
Figura 10 – <i>Layout</i> do Produto Educacional	73
Figura 11 – Ilha 1 do PE	74
Figura 12 – Qual desses é o piolho?	74
Figura 13 – O que o piolho pode causar?	74
Figura 14 – Ilha 2 do PE	75
Figura 15 – O que o piolho come?	76
Figura 16 – Lêndeas	76
Figura 17 – Ilha 3 do PE	76
Figura 18 – Vamos acabar com o piolho?	77
Figura 19 – Boneca 1 com piolho	77
Figura 20 – Boneca 2 com piolho	77
Figura 21 – Descoberta qual desses é o piolho?	79
Figura 22 – Investigação das características físicas do piolho, ilha 1	79
Figura 23 – Observação com a lupa 1	79
Figura 24 – Observação com a lupa 2	80
Figura 25 – Observação dos recipientes com piolho	80
Figura 26 – Observação dos piolhos com lupa	81
Figura 27 – Travessia entre as ilhas com corda	82
Figura 28 – Apresentação do vídeo animação no tablet	83
Figura 29 – Observação com lupa das lêndeas	84
Figura 30 – Catação de piolho	85
Figura 31 – Interação para acabar com o piolho	86
Figura 32 – Participação da mãe com seu filho	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupo por faixa etária	25
Quadro 2 – Currículo na EI segundo as leis	29
Quadro 3 – Participantes da pesquisa	42
Quadro 4 – Linha do tempo da coleta de dados	45

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória na Educação teve início em 1997. Após terminar o Ensino Médio em técnico em Contabilidade e trabalhar na área, percebi que não era o caminho que desejava trilhar, ingressei no curso de Formação de Professores e me descobri na Educação. Foi um tempo de estudo e descobertas intensas sobre os caminhos da educação. Nos estágios me deparei com professores dedicados e comprometidos, mas também com professores que pouco se importavam em preparar suas aulas e muito menos que essas fossem significativas, demonstrando, notoriamente, desmotivação e desinteresse com o caminhar e sucesso de seus alunos. Por outro lado, via nas crianças os olhares curiosos e carentes, acanhados e travessos que me instigaram a aprender mais e buscar mais conhecimento para ser uma professora relevante no que me propunha a fazer.

Em 2004 fui convocada no concurso público de dois municípios: Duque de Caxias e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, para o cargo de professora das séries iniciais. Desde o início da minha trajetória na rede pública de ensino atuo, por escolha, na Educação Infantil, apesar de durante esse período já ter atuado em todas as turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Ingressei na Universidade no ano de 2007 no curso de Licenciatura em Pedagogia e foi um desafio porque minha filha Ágatha tinha 1 ano e meu filho Andrey 6 anos, com duas matrículas e a graduação inteira pela frente. Os desafios foram muitos, muitas noites de sono sem dormir para conseguir conciliar todas as demandas, mas o conhecimento me chamava e me enchia de prazer aprender, descobrir, desmistificar e agregar conceitos que ampliariam minha visão.

Assim que terminei a graduação, já ingressei na Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Educacional Integrada, porque entendia que me daria um leque de possibilidades de atuação e de conhecimento nas diversas áreas que envolvem uma escola, pois me inquietava e me movia de profunda angústia a postura profissional de alguns Pedagogos, Gestores e outros funcionários que estavam sempre cansados, desmotivados e desmotivando, estando presentes, mas ausentes do cotidiano escolar e da responsabilidade de ser educador nas escolas da Rede Municipal que trabalhava.

Na Especialização pude conhecer o universo da Administração, Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar, e tive a certeza que a docência e seus braços são

repletos de dilemas pelo fato de ser uma profissão essencialmente humana, que se sustenta por meio de relações e interações entre seres humanos.

Os conhecimentos científicos do ambiente acadêmico atrelado a bagagem de trabalho nas duas Redes de Ensino, me impulsionava a aprender mais e a acreditar que eu poderia de alguma forma mudar o espaço que eu estava com meus alunos, com os professores, com a equipe diretiva e assim ajudar a caminhar em direção a reflexão da prática coletiva na escola, pois “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”. (Freire, 1991, p. 58).

Precisei dar uma pausa na caminhada acadêmica, por questões de saúde do meu filho, para me dedicar a maternidade e a meu esposo, aqui preciso registrar que ele é meu porto seguro e minha base de sustentação junto com minha fé em Deus, contudo participei de diversas Palestras, Seminários, Cursos de curta duração para manter acesa a chama do conhecimento.

No período que atuei como Orientadora Educacional e Pedagógica na Rede Municipal de Educação de Nova Iguaçu, pude colocar em prática o que acreditava ser um serviço de Orientação de uma Unidade Escolar, incentivando, ajudando, estimulando o buscar científico e acadêmico, fazendo um paralelo entre prática e teoria, apesar de em alguns momentos me sentir um extintor que precisava apagar o fogo entre alunos e professores, professores e professores, gestora e professores, e era onde me via retratada na fala de Vasconcellos (2002, p. 86-87), quando descreve as partes negativas da função que é a gestão dos conflitos do cotidiano que afetam a qualidade da aprendizagem, assim como também as relações interpessoais na escola.

Em dezembro de 2019, fui motivada por minhas colegas de trabalho a me candidatar no processo de consulta pública para a Gestão de uma creche no município de Duque de Caxias, onde já atuava como professora da Educação Infantil desde 2004. Fui eleita para o biênio 2020/2021, e esse foi prorrogado até 2022 devido a Pandemia de COVID-19, fui reeleita para o biênio 2023/2024 e novamente reeleita para o biênio 2025/2026. Aceitei o desafio não porque estava sendo galanteada com a proposta, mas porque acredito na Gestão Democrática e porque vislumbrei na Gestão a possibilidade de mudar o “mundinho” das crianças, dos funcionários, das

equipes da creche e também porque desejava fazer mais do que estava fazendo em sala de aula, onde me sentia limitada pela ação de gestores e pelo curto período na Unidade Escolar.

Em meio a esse percurso na Educação e, particularmente, da atuação na Educação Infantil desde o início de minha trajetória profissional, que passei a me arguir sobre o ensino da ciência e o aprender científico na primeira infância.

Entendendo a necessidade de mudarmos nossa postura frente a uma questão tão importante, e sem deixar de acreditar que podemos gerar sujeitos capazes de refletir criticamente, desde a mais tenra idade, é que busco formas de trabalhar a temática estimulando o fortalecimento de uma consciência crítica sobre o currículo de ciências na Educação Infantil que não se limita aos muros da escola, mas que pode ultrapassá-los, alcançando a comunidade em que a escola está inserida e quem sabe além.

Com esse pensamento, meus anseios se alinharam à possibilidade de cursar o Mestrado Profissional em Ensino das Ciências, permeando nesse assunto o desejo de desenvolver meu projeto de pesquisa na área da Educação em Saúde voltada para crianças da primeira infância, mais especificamente de creche e pré-escola, abordando o tema Pediculose por ser um assunto recorrente e que traz muitos desgastes entre família e escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	19
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1. A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	22
2.1.1 A Educação Infantil e seu contexto histórico	22
2.1.2 Marcos legais que abrangeram a Educação Infantil.....	23
2.2. CONCEPÇÃO DE “INFÂNCIAS” AO LONGO DA HISTÓRIA.....	26
2.2.1 Da antiguidade à Modernidade.....	26
2.2.2 Infância ou Infâncias?	27
2.3. A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
2.3.1 O currículo na EI	29
2.3.2 A alfabetização científica dentro do currículo da EI.....	31
2.4. EDUCAÇÃO EM SAÚDE, UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA INVESTIGAÇÃO.....	32
2.4.1 Educação em Saúde, aprender para entender	33
2.4.2 Porque trabalhar Educação em Saúde na EI?	34
2.4.3 A Pediculose no contexto escolar	35
2.5. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA	38
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	40
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	42
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	45
3.3 COLETA DE DADOS.....	48
3.3.1 Roda de conversa	49
3.3.2 Questionário estruturado	51
3.3.3 Entrevista	51
3.3.4 Oficina de desenho	53
3.4. ANÁLISE DE DADOS.....	54
3.5 ÉTICA NA PESQUISA	56
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A PESQUISA	57
4.1 Crianças de três e quatro anos	57
4.2 Profissionais da educação (professores, ADEBs e EMIs)	63

5. PRODUTO EDUCACIONAL.....	73
5.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL “ILHAS DAS DESCOBERTAS”	78
6. VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	91
6.1 METODOLOGIA DE VALIDAÇÃO DO PE	91
6.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA VALIDAÇÃO DO PE	92
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE.....	106

1. INTRODUÇÃO

A gênese desta dissertação intitulada “Ensino por investigação na Educação Infantil: Uma abordagem para a promoção da Educação em Saúde” é tecida por uma série de fatores ligados a diversas situações vivenciadas no cenário da Educação Infantil na Rede Municipal de ensino de Duque de Caxias-RJ, onde articulo teoria e prática em um espiral contínuo que está em constante construção. Assim, a pesquisa em tela é uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e quanto aos objetivos é exploratória-descritiva.

Nas escolas de primeira infância é comum a ênfase em apresentar o mundo letrado e trabalhar o letramento matemático com as crianças, mesmo que não haja obrigatoriedade de alfabetização na Educação Infantil (EI) e as leis que regem a EI têm como eixos estruturadores as interações e a brincadeira, diante disso fui impulsionada a pensar na Alfabetização Científica (AC) como forma de aprofundar os conhecimentos científicos das crianças. A partir disto, vieram perguntas que corroboram com essa pesquisa. Como acontece o Ensino de Ciências na Educação Infantil? De que modo trabalhar o ensino de ciências com crianças tão pequenas, haja visto que não são alfabetizadas?

Considerando o ambiente de uma creche, onde as crianças compartilham rotinas e atividades diárias, é comum o surgimento de doenças contagiosas ou que se proliferam facilmente devido ao uso compartilhado de espaços e objetos. Essa observação levantou questões importantes, incluindo: É possível estabelecer interligações entre o ensino de Ciências com problemas de doenças recorrentes em creches?

Com base nas inquietações supracitadas e na imersão nas pesquisas acerca do Ensino por investigação, Alfabetização Científica, Educação em Saúde (ES) e dos contextos possíveis na Educação Infantil, temos a seguinte pergunta de partida: **Como promover o envolvimento da comunidade escolar em uma atividade lúdica, sobre a pediculose, na promoção do Ensino de Ciências e da Educação em saúde?**

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa **foi relacionar a pediculose com o ensino de Ciências, desenvolvendo o jogo educativo chamado de “Ilhas das descobertas” sobre a pediculose, que estimule a Alfabetização Científica e**

contribua para o conhecimento e mudanças de práticas de Educação em Saúde na Educação Infantil.

Com o objetivo de responder aos questionamentos apresentados, esta pesquisa busca alcançar os seguintes objetivos específicos: 1. Relacionar as doenças prevalentes com o ensino de Ciências. 2. Desenvolver ações que estimulem a Alfabetização Científica. 3. Problematizar a articulação entre a investigação científica e situações cotidianas que envolvam a Educação em Saúde. 4. Aproximar a cultura da criança com a cultura científica.

Durante a pesquisa, buscou-se por estudos que abordassem as Ciências com foco na Educação em Saúde para crianças da Educação Infantil, realizadas por profissionais da área da educação. No entanto, foi notável a escassez de trabalhos científicos realizados no Brasil por profissionais de educação sobre essa temática, apesar de sua relevância. De acordo com Fumagalli (1998), não ensinar Ciências às crianças pequenas é desvalorizá-las como sujeitos sociais e demonstra uma falta de compreensão das características do desenvolvimento psicológico infantil.

Esta dissertação está estruturada em seções que abordam os seguintes tópicos: A evolução da Educação Infantil no Brasil, a concepção de “Infâncias” ao longo da história, a Alfabetização Científica na Educação Infantil, partindo do currículo na EI norteado pelas leis em vigor. Na seção de Educação em Saúde, uma abordagem investigativa na Educação Infantil, é apresentada a necessidade de compreender o conceito de Educação em Saúde. Além disso, surge uma questão fundamental que orienta a reflexão da autora: Qual é a importância de trabalhar Educação em Saúde com crianças pequenas? Na seção de Educação em Saúde é apresentada uma explanação sobre a pediculose, uma das doenças mais comuns na primeira infância, e seu impacto nas crianças em idade escolar. Por fim, encerrando a fundamentação teórica, é destacada a importância da parceria entre Família e Escola para o desenvolvimento integral da criança, enfatizando a necessidade de suporte e colaboração entre as Unidades Escolares.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas para as duas professoras e seis auxiliares das turmas de três e quatro anos e roda de conversa, gravação de vídeos e áudios com transcrição de trechos, além de registro de fotos com as profissionais de educação, com as crianças pequenas e seus

responsáveis, no contexto de uma creche do município de Duque de Caxias-RJ. A análise de dados foi pautada na Análise de Livre Interpretação e constatou a importância de trabalhar a Educação em Saúde, através das brincadeiras e interações de forma intencional e planejada, para promover o conhecimento sobre a Pediculose na Educação Infantil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, trilhou um caminho árduo até os dias atuais para conquistar avanços e garantir direitos para as crianças de 1 a 5 anos de idade. Nessa seção falaremos um pouco da história e marcos legais que balizaram a primeira infância no Brasil.

2.1.1 A Educação Infantil e seu contexto histórico

Froebel, fundador do Jardim de Infância na Alemanha em 1840, teve contribuições significativas na inserção das instituições para a Educação infantil no Brasil. Com grande influência europeia, na metade do século XIX, surgiram as primeiras instituições de EI, custeadas por entidades filantrópicas e de caráter exclusivamente assistencialista, onde os profissionais que serviam nas creches priorizavam a higiene, ordem, sono e alimentação das crianças, tendo o cuidar como a prioridade na primeira fase escolar devido ao alto índice de mortes e doenças na primeira infância (Kuhlmann Jr. e Barbosa, 1998).

Com a Revolução Industrial e início da urbanização, houve maior demanda de mão de obra e, conseqüentemente, um grande número de mulheres saíram para trabalhar. Sendo inseridas no mercado de trabalho, aumentou a necessidade de um local para abrigar as crianças, então nesse primeiro momento surgiu uma nova profissão para as mulheres que não queriam sair de casa para trabalhar, como alternativa, elas tomavam conta de outras crianças, como um lar de acolhimento de muitas outras crianças enquanto suas mães trabalhavam. Essas mulheres ficaram conhecidas como mães mercenárias (Da Silva Fuly, 2007, p.88)

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil (Rizzo, 2003, p. 31).

Devido à grande urbanização brasileira, um problema gravíssimo veio à tona, as crianças abandonadas. Por volta de 1832 no Rio de Janeiro, surge a primeira instituição, das treze que foram criadas no Brasil, para acolher essas crianças,

chamada de “Roda do exposto ou do enjeitado”, que tinha como objetivo tirar as crianças da rua para esconder a vergonha das mães solteiras.

As crianças eram sempre filhas de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado; as pobres precisavam de seus filhos para ajudar no trabalho, e dos filhos das escravas precisavam os senhores abastados (Rizzo, 2010, p. 37).

Nesse viés assistencialista que se deu a criação das creches brasileiras, ainda no século XIX, onde instituições de caridade recebiam crianças pequenas para suprir a ausência da mãe, contudo não havia currículo ou planejamento pedagógico, era mais focado em um atendimento voltado para o cuidado, por vezes treinamento das primeiras letras e com o intuito de preparar para a vida como adulto em miniatura.

A educação pré-escolar do pobre continuou, ainda por muitos anos, sendo responsabilidade filantrópica, de caráter assistencialista e eventual, especialmente, e dependente das intenções das primeiras damas, que, na expectativa da falta do que fazer, ocupariam assim o seu tempo, dando vazão aos seus instintos de proteção à infância (Rizzo, 2003, p. 38).

Essa situação perdurou até o final do século XX no Brasil, quando da Constituição Federal (1988), iniciou o reconhecimento da criança como cidadão de direitos e a valorização do processo educativo.

2.1.2 Marcos legais que abrangeram a Educação Infantil

As bases legais da Educação Infantil são referenciadas pela Constituição Federal (1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9.394/1996), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que proporcionam aos profissionais refletir sobre os princípios que norteadores de sua prática.

A Constituição Federal (1988), no Art. 208 diz que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

A LDB 9394/96, sofre algumas alterações, e a Lei nº 12.796, de 2013, inclui ser dever do estado a Educação Básica de 4 (quatro) a 17 anos. Sua oferta se dará em creche ou instituição similar na faixa etária de zero a três anos e na pré-escola na faixa etária de quatro a cinco anos. O art.29 define a educação infantil como:

Primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Em 1998, o Ministério da Educação e do Desporto propõe um Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil que se constitui em:

Um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (BRASIL, 1998, p.13).

O RCNEI, considera as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas da criança de zero a seis anos e é suas bases são pautadas nos princípios de respeito à dignidade e aos direitos da criança, principalmente o direito de brincar como forma de expressão, pensamento, interação, comunicação e socialização, desenvolvendo a interação social, práticas sociais sem discriminação e atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. Além de apontar que nas instituições de Educação Infantil seja incorporado de forma integral o educar e cuidar, onde cuidar “significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades” e educar:

Significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p.23).

As DCNEIs (2009), ratificam a Constituição Federal (1988) dizendo ser dever do estado garantir a oferta de educação infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção e como objetivos:

Reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil” (BRASIL, 2009, p.11).

As DCNEIs também citam uma importante informação sobre os eixos norteadores da Educação Infantil que são as interações e a brincadeira, e contribuem para o pleno desenvolvimento da criança na primeira infância.

Com a inclusão da Educação Infantil na BNCC (2017), mais um grande passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica. A BNCC deixa claro que os seis direitos de aprendizagem: conviver, participar,

explorar, brincar, expressar e conhecer-se, trata da necessidade de se ter intencionalidade nas práticas pedagógicas e apresenta a organização curricular da EI estruturada em cinco campos de experiências com seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. A definição e a denominação dos campos de experiências também se baseiam no que dispõem as DCNEI em relação aos saberes e conhecimentos fundamentais a ser propiciados às crianças e associados às suas experiências (BRASIL, 2017).

Ao encontro a esses saberes e conhecimentos, os campos de experiências em que se organiza a BNCC são: O eu, o outro e nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais envolvem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que geram aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre adotando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. A BNCC (2017) ainda reconhece as especificidades dos diferentes grupos etários que formam a etapa da Educação Infantil, como mostra o quadro 1.

Quadro 1: Grupo por faixa etária

CRECHE		PRÉ-ESCOLA
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)

Fonte: BNCC, 2017

Percebe-se que ao longo dos anos a Educação Infantil foi ganhando protagonismo na busca por um desenvolvimento integral da criança, preconizando a não-fragmentação do conhecimento, pois a criança tende a ver tudo de forma total.

2.2 CONCEPÇÃO DE “INFÂNCIAS” AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao pensarmos em EI faz-se necessário refletirmos sobre a construção da concepção de infância, pois não podemos negar a condição da criança como sujeito histórico, cultural e social.

2.2.1 Da antiguidade à Modernidade

Na sociedade primitiva, a criança integrava-se ao meio social adultos, não havendo, portanto, uma concepção de infância. Esta era vista como mais um membro da família, que muitas vezes iniciava no trabalho aos sete anos de idade, nas famílias pobres, para ajudar os adultos, onde não havia filtro em conversas, ela participava de todos os assuntos, pois a criança era vista como um adulto em miniatura, com a diferença apenas no tamanho.

A aprendizagem era passada dos mais velhos para os mais novos por transmissão oral e em situações do dia a dia, onde se ensinava na vida e para a vida.

Os adultos se relacionam com crianças sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive a participação em jogos sexuais. Isto ocorria por que não acreditavam na existência da inocência pueril, ou na diferença de características entre adultos e crianças [...] no mundo das fórmulas românticas, até o século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens em tamanho reduzido (Aries, 1981, p.51).

Na Idade Média, a infância era considerada uma transferência para a fase adulta, entretanto, a criança executava tarefas dos mais velhos e não havia sentimento de amor materno. Logo que adquiriam certa independência, já eram colocadas em casas de outras famílias para aprender serviços domésticos, mesmo não estando preparadas física e psicologicamente, pois o que importava era que a criança crescesse logo para participar da vida adulta.

A criança aprendia através da prática, segundo Aries (1981):

Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança não a seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir”, este mestre era o homem da família, o chefe (Aries, 1981, p.156).

Já no século XVI, inicia-se um sentimento chamado de paparicação, que foi o início da demonstração de afeto da mãe para com a criança e excesso de cuidado nos primeiros meses de vida

No século XVIII, começa a ser apresentada a necessidade e o desejo de privacidade, então, começaram as transformações no interior da família, surgindo o “sentimento de família”, quando a criança passa a ser responsabilidade dos pais, adquirindo, assim, um lugar central na família.

Rousseau (1712-1778), em oposição a concepção de que a criança é um adulto em miniatura, insere a concepção de que a criança é um ser com características próprias em suas ideias e interesses. Entende-se a infância como um momento, onde se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio, um tempo ainda não corrompido pela sociedade que preserva a pureza e a inocência. Essas ideias implicaram em mudanças nos métodos de educação das crianças, pois entende que a educação deverá atender aos interesses e ritmo de cada um.

Nos séculos XIX e XX, com o reconhecimento da infância enquanto fase do desenvolvimento humano surge à infância científica com conhecimentos construídos por várias áreas do saber.

A criação da escola pública, assim como, o sentimento de cuidado e proteção das famílias, foram fatores que agrupados aos saberes científicos ajudaram na institucionalização da infância na modernidade.

2.2.2 Infância ou Infâncias?

Historicamente, segundo Aries (1986, p.36) a palavra Infância vem de *enfant* que quer dizer “não falante”, pois acreditava-se que a pessoa nessa idade não poderia falar perfeitamente por não ter seus dentes ordenados e firmes, essa idade compreendia até os sete anos de idade. A ideia de infância estava ligada à dependência, só se saía da infância se saísse da dependência.

A arte medieval não conhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se desse a incompetência ou falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (Aries, 1986, p. 50).

Para o autor, um fator marcante é que não havia representações de crianças na arte, pinturas e outras representações artísticas, o que se tinham eram crianças mini adultos sem expressividade, fato que perdurou até o século XIII, quando se iniciou uma representação em pinturas com expressão menos adulta e um pouco mais infantil, mostrando que a criança estava começando a ser representada a partir do menino Jesus, onde a infância começou a ser representada artisticamente.

Outro ponto destacado por Aries, na mesma obra, são os trajes das crianças do século XIII que não eram particularizadas, ao contrário, elas eram vestidas como adultos em miniatura. Fato que só foi iniciar uma mudança a partir do século XVII, o que nos mostra que a infância não era retratada e nem percebida, pois o hábito de vestir, não eram apenas uma frivolidade, a relação entre traje e compreensão daquilo que ele representa fica evidenciado (Aries, 1986, p.73).

Ainda segundo Aries (1986, p.146), “O sentido da inocência infantil resultou numa dupla atitude moral com relação à infância: preservá-la da sujeira da vida, e especialmente da sexualidade tolerada”.

O respeito à infância nos séculos passados era ignorado, pois usava-se palavras de cunho sexual e diversos contextos de comunicação em que a criança participava, via e ouvia de tudo. Então, percebe-se que o sentimento de Infância não existia, mas isso, não significa que as crianças não eram amadas ou cuidadas, apenas não se reconhecia as particularidades dessa etapa que se distingue da vida adulta.

O conceito de infância passou por grandes transformações devido às mudanças econômicas, culturais e políticas que aconteceram ao longo dos séculos.

As diferentes visões de infância influenciaram a escola infantil e a elaboração do currículo escolar.

Percebe-se que as diferentes concepções no campo da infância indicam um caminho de reflexão sobre os diferentes termos empregados, sendo de fundamental importância evidenciar que a infância é singular e única e, ao mesmo tempo, plural (Barbosa, 2009, p.22).

Embora o conceito de infância não tenha sido universalmente reconhecido ao longo da história, Barbosa (2009) argumenta que existem múltiplas formas de infância. Isso ocorre porque cada criança é um ser social, histórico e cultural único, inserido em um contexto geográfico específico, vivenciando uma infância singular e marcada por experiências individuais.

Nos últimos anos, temos concebido as crianças como seres humanos concretos, um corpo presente no aqui e agora em interação com outros, portanto, com direitos civis. As infâncias, temos pensado como a forma específica de conceber, produzir e legitimar as experiências das crianças. Assim, falamos em infâncias no plural, pois elas são vividas de modo muito diverso. Ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas às mesmas experiências (Barbosa, 2009, p.22).

Podemos afirmar então, que as diferentes visões de infância influenciaram as leis, o respeito, a escola infantil e a elaboração do currículo escolar.

2.3 A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Corteja-se, nesta seção, discorrer sobre a importância da Alfabetização Científica na EI através da investigação e de um currículo consciente e pautado nas diretrizes legais.

2.3.1 O currículo na EI

A palavra currículo, tem origem no latim e refere-se a um curso, um percurso que deve ser realizado. No que se refere a EI, as leis vigentes tratam de currículo da seguinte forma, descrita no quadro 2.

Quadro 2: Currículo na EI segundo as leis

RCNEI	DCNEI	BNCC
[...] intenções educativas que estabelecem capacidades que as crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor. [...] criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagem que apresentam nas diferentes faixas etárias. Para que isso ocorra, faz-se necessário uma atuação que propicia o desenvolvimento de capacidades envolvendo aquelas de ordem física,	Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (p.12)	A organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social. (p. 47)		
--	--	--

Fonte: Brasil, 1998, 2009 e 2017

Ao considerar o quadro acima, percebemos que as leis vigentes trazem como currículo o entendimento de um trabalho cujo caminho leva ao desenvolvimento integral da criança. As leis também acordam que os eixos norteadores da EI são as interações e a brincadeira, onde a partir delas se dará o cuidar e o educar, com finalidade de superar o assistencialismo e a escolarização dos séculos anteriores, buscando nas experiências cotidianas da EI, fontes de aprendizagem e descobertas significativas para a primeira infância.

A BNCC apresenta os direitos que devem ser assegurados às crianças: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, e também afirma que os campos de experiência: O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, são baseados na DCNEI e nos saberes e conhecimentos fundamentais que devem ser propiciados às crianças, respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos.

O protagonismo da criança, ponto de destaque das leis vigentes, destacado no artigo 4º da DCNEI diz que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p.1).

Ainda na DCNEI os artigos 8º e 9º, tratam das propostas pedagógicas, do respeito aos direitos das crianças e mais especificamente no artigo 9º, VIII, fala sobre “a importância de incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”.

Referenciada pela lei, pensamos a Alfabetização Científica através da investigação, buscando na curiosidade e no encantamento, que são inatos da criança, o ponto de partida para o protagonismo da criança em seu processo de desenvolvimento integral.

2.3.2 A Alfabetização Científica dentro do currículo da EI

Propor Alfabetização Científica (AC) na EI, pode soar como uma interrogação ao leitor e uma pergunta logo virá: “Como alfabetizar cientificamente crianças na primeira infância se elas ainda não são alfabetizadas, não fazem a leitura do código linguístico?”. Contudo, essa não é uma proposta baseada nos modelos reducionistas de alfabetização, mas sim uma proposta baseada em uma metodologia Freireana de educação alinhada com a consciência crítica e dialógica com etapas que envolvem a investigação, tematização e a problematização, buscando protagonizar a criança nesse processo de aprendizagem significativa (Beck, 2016).

O termo *scientific literacy* surgiu nos Estados Unidos na década de 1950, partindo da necessidade de pensar sobre a relevância do conhecimento científico em apoio às descobertas e avanços científicos da época e também para alcançar um currículo escolar que fosse mais do que decorar ou decodificar um conteúdo de Ciências (Cunha, 2017, p.173).

No Brasil, o termo *scientific literacy* foi traduzido como Alfabetização Científica, Letramento Científico ou até Enculturação Científica. Essas traduções são defendidas por alguns autores como sinônimos, já outros autores entendem que há diferença gerando controvérsias sobre o assunto. Portanto, vamos nos deter ao que esse letramento/alfabetização pode colaborar com a investigação científica dentro da EI.

O letramento científico, entendido como um trabalho diário de conhecimento da ciência, é tão necessário quanto a leitura e a escrita (letramento, no sentido geralmente entendido) para um modo de vida satisfatório no mundo moderno. Eu desejo sustentar que o letramento científico é necessário para que haja uma força de trabalho competente, para o bem-estar econômico e saudável do tecido social e de cada pessoa, e para o exercício da democracia participativa. (Ayala, 1996, *apud* Cunha, 2017, p.175).

Ao comparar as reflexões de Ayala, citada acima, com os pensamentos de Freire (1980) que alfabetizar tem um conceito muito mais amplo que aprender a ler e escrever, alfabetizar-se é aprender a ler o mundo para modificá-lo, podemos afirmar que alfabetizar-se cientificamente é uma forma de ler o mundo e modificá-lo através

da Ciência, visto que o autor defende o empoderamento pelo conhecimento, para um pensamento crítico e ações transformadoras.

A alfabetização é mais que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio destas técnicas em termos conscientes. [...] implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto (Freire, 1980, p.111).

A alfabetização crítica proposta por Freire, precisa desenvolver em uma pessoa habilidade de organizar seu pensamento de maneira lógica, além de auxiliar na construção de uma consciência mais crítica em relação ao mundo que a cerca. Freire (1980), ainda concebe a alfabetização como um processo que permite as conexões entre o mundo em que a pessoa vive e a palavra escrita; e de tais conexões nascem os significados e as construções de saberes, tão importantes desde a tenra idade.

Na EI, a construção do conhecimento se dá a partir das interações e da brincadeira, e ao pensar no fazer pedagógico, é importante proporcionar um espaço de vivências e experiências que façam sentido para a criança, partindo da sua história, cultura e da curiosidade, tão intrínseca na primeira infância.

As práticas pedagógicas na EI precisam instigar essa curiosidade, permitindo que as crianças observem, manipulem, levantem hipóteses, pensem e busquem em seus conhecimentos prévios possibilidades da ampliação do seu aprendizado, buscando respostas para suas dúvidas e inquietações através da investigação e exploração do entorno, situações e objetos aditando conhecimento de mundo físico e sociocultural.

Essa prática aproxima a cultura da criança da cultura científica, proporcionando a AC através da investigação, que para ocorrer, precisa estar inserida no cotidiano escolar.

2.4 EDUCAÇÃO EM SAÚDE, UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DA INVESTIGAÇÃO

O que seria a Educação em Saúde no contexto da EI? Quais suas contribuições para o cotidiano das crianças pequenas? Como promover essa Educação em Saúde e que impactos ela causaria na vida das crianças de EI?

Esses pontos serão elencados nesta seção que visa abordar o tema a partir de uma abordagem de aprendizagem por investigação.

2.4.1 Educação em Saúde: aprender para entender

A partir da I Conferência sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986, um documento foi formulado e ficou conhecido com Carta de Ottawa, onde define a Promoção em Saúde como “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”.

A promoção da saúde apoia o desenvolvimento pessoal e social através da divulgação de informação, educação para a saúde e intensificação das habilidades vitais. Com isso, aumentam as opções disponíveis para que as populações possam exercer maior controle sobre sua própria saúde e sobre o meio ambiente, bem como fazer opções que conduzam a uma saúde melhor. É essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento das doenças crônicas e causas externas. Esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários (De Ottawa, 1986, p.24).

A carta de Ottawa visa a Educação em Saúde, com vistas à Promoção da Saúde através da capacitação da população para atuarem como agentes transformadores e participantes nos movimentos de defesa e sustentabilidade do Meio Ambiente, melhores condições de vida e de saúde, além de maior acesso às informações em saúde.

No contexto escolar, a Educação em Saúde, promove novos conhecimentos, habilidades e desenvoltura com o cuidado com a saúde e prevenção de doenças, além de fomentar a reflexão crítica sobre os temas mencionados, tem por meta trabalhar de forma a desenvolver a autoestima, mudar hábitos de higiene e ampliar as possibilidades de uma vida saudável.

A Educação em Saúde propicia a difusão de informações ao mesmo tempo que estimula a formação dos atores educacionais para, assim, contribuírem com a manutenção e prevenção das doenças, uma vez que as condições de saúde da criança, além de intervir no desenvolvimento e crescimento, também interferem no rendimento escolar.

A promoção e a Educação em Saúde na escola devem ressaltar a qualidade de vida para a obtenção e conservação da saúde, onde para Iervolino (2005, p.108), uma Escola Promotora de Saúde deve: "procurar constantemente fortalecer a sua condição de se constituir e representar um ambiente saudável para se viver, ensinar e trabalhar".

A Educação em Saúde vista sob esse paradigma deve proporcionar aos partícipes a oportunidade de atuarem como agentes de transformação da realidade do meio em que vivem, para que estejam aptos para lutar e obter melhores condições de vida com saúde e qualidade. Assim sendo, fica claro que a Promoção e Educação em Saúde não podem mais ficar restritas aos limites do setor saúde e ser responsabilidade exclusiva do profissional da saúde; é preciso estabelecer parcerias e preparar profissionais da educação para que, eles também, exerçam o papel de Promotores da Saúde, dentro da escola e na comunidade em que vivem (Iervolino e Pelicioni, 2005, p.108).

2.4.2 Por que trabalhar Educação em Saúde na EI?

A BNCC, ratifica as DCNEIs, quando enfatiza que as crianças aprendem em situações onde desempenham protagonismo no ambiente que convivem e vivenciam desafios capazes de construir significado sobre si, o outro e o mundo social e natural.

Essa criança observadora, que levanta hipóteses, constrói e se apropria de conhecimentos através da ação e interação, precisa ser exposta a intencionalidade educativa com experiências que lhe permitam compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que ampliará seu poder de cognição e percepção do mundo a sua volta, despertando, assim, um olhar mais aguçado e a compreensão sobre os diversos assuntos apresentados, gerando aprendizagem significativa.

O currículo da EI, segundo a BNCC e seus campos de experiências, abarca as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus prévios conhecimentos, entrelaçando-os aos conhecimentos e saberes fundamentais apresentados pela lei normativa.

Com base no exposto e esperando do currículo destinado a EI e da importância da Educação em saúde no contexto escolar, visando o senso de autocuidado e cuidado com a saúde da criança, que não se pode deixar essa etapa da Educação Básica aquém das orientações para a saúde, bem-estar, práticas de higiene e valorização do próprio corpo.

As crianças pequenas, aprendem a partir de seu cotidiano, e diversas questões relacionadas a saúde permeiam o seu dia a dia, onde pode-se fomentar a reflexão crítica sobre temas que contribuam para a mudança de hábitos de higiene e ampliando a possibilidade de uma vida mais saudável, contribuindo para um melhor crescimento e desenvolvimento escolar.

A Educação em Saúde pretende colaborar na formação de uma consciência crítica no ambiente escolar, resultando na aquisição de práticas que visem à promoção, manutenção e recuperação da própria saúde e da saúde da

comunidade da qual faz parte (Focesi, 1992, p.19 *apud* Leonello e L'Abbate, 2006, p.150).

Desse modo, situações prevalentes na idade escolar como a pediculose, escabiose, hábitos alimentares saudáveis, educação ambiental, entre tantos outros assuntos ligados a cultura científica, podem ser explorados no cotidiano da EI, com vista em ampliar a oportunidade de integração das práticas educativas e de saúde.

A educação em saúde na EI surge como um processo que contribui para conhecimento e desenvolvimento da consciência crítica das crianças, estimulando a busca por soluções e ações individuais e coletivas sem perder o foco dos eixos estruturadores da EI que são as interações e a brincadeira.

Ao se falar de prevenção e busca de soluções na EI com consciência crítica, pode parecer utópico, mas as crianças pequenas são curiosas e investigadoras por natureza. Suas perguntas são elaboradas a partir de suas dúvidas reais e do desejo de conhecer e desvendar mais um mistério na imensidão do mundo que a cerca. Então, estimular e dar combustível a imaginação dessa criança é buscar, com ela, as possibilidades de respostas através de hipóteses instigadas, e não dadas pelo educador.

Em uma abordagem sobre questões de saúde recorrentes na primeira infância, o educador precisa saber o que a criança já sabe sobre o assunto, e a partir desse ponto buscar, com a criança, ampliar o conhecimento e pensar em ações que possam ser fomentadoras para as possíveis soluções.

2.4.3 A Pediculose no contexto escolar

No ambiente de creche, onde as crianças têm uma rotina muito próxima, dividindo brinquedos e objetos, dormindo juntas e partilhando todo o tempo que permanecem na Instituição de Ensino, que pode chegar a 9 horas por dia¹. O contato físico é inevitável e algumas doenças e infestações se tornam mais propícias a serem difundidas com facilidade, sendo importante mencionar a possibilidade de transmissão via fômites.

Dentre essas, a infestação de piolho de cabeça (*Pediculus humanus capitis*), também conhecida como pediculose, é uma dificuldade recorrente na vida escolar,

¹ Nas creches do município de Duque de Caxias as crianças de 1 a 3 anos permanecem 9 horas em atendimento integral. Geralmente de 7h30min às 16h30min.

que acompanha a espécie humana desde a antiguidade. Sendo um problema que afeta a autoestima e socialização, além de poder ocasionar ameaça à saúde da criança (Cunha *et al*, 2008, p.299).

O parasita hematófago comumente causa lesões pruriginosas no couro cabeludo, causando grandes riscos de complicações como: infecções bacterianas, micoses, anemia devido à alta hematofagia cometida pelo piolho e até miíase que é provocada pela infestação de larvas de moscas no local da picada.

A pediculose pode gerar, além do intenso prurido, lesões causadas pelo ato de coçar, facilitando o surgimento de infecção secundária, impetigo, pioderma, e, até, edema em gânglios linfáticos retroauriculares. Em infestações maiores podem ocorrer anemia e febre, além de intenso desconforto e sofrimento aos infectados. Além disso, o piolho pode ser um vetor para outras enfermidades graves, como a febre tifóide endêmica. Essa ectoparasitose pode atingir todas as classes sociais, devido à facilidade de transmissão entre pessoas. Como consequências, gera sofrimento, alteração no sono e de concentração, vergonha, angústia e tensões nos infectados (Garzoni e Carvalho, 2021, p.2).

A pediculose de cabeça, como uma doença de maior incidência nas crianças em idade de creche, mostra-se um problema de saúde pública, principalmente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como o Brasil.

Apesar do progresso na melhoria de condições sanitárias e da maior difusão de informações favoráveis ao combate a diversas doenças, a pediculose ainda esbarra em barreiras como a falta de parceria entre a saúde e a educação, onde a saúde entra no contexto de escolas infantis com poucas ações, entre elas a vacinação e algumas outras campanhas sobre doenças infectocontagiosas ou controle de endemias, mas não há por parte da saúde, um projeto contínuo e específico sobre a temática que permeia o cotidiano das escolas de primeira infância, ficando apenas a cargo de cada instituição escolar, as normas ou orientações para que não haja infestações.

É importante salientar que qualquer pessoa independente da classe social, sexo, raça, credo ou cor pode ser contaminada, o que se deve a rápida transmissão entre pessoas devido o contato físico próximo ou por compartilhamento de objetos como: pente, escova, bonés, roupas de cama, e etc. Por isso, a alta incidência de pediculose nas creches e escolas de Educação Infantil.

A infestação é caracterizada, inicialmente, por uma intensa coceira no couro cabeludo, principalmente na nuca e atrás das orelhas. Essa coceira é devido a uma

enzima anticoagulante e anestésica que o ectoparasita injeta no local da picada, para que o hospedeiro não sinta dor e para o sangue não coagular no abdome no parasita.

O piolho, como é conhecido popularmente, desenvolve todo o seu ciclo de vida (ovo, ninfa e adulto), no hospedeiro humano. Esse ciclo dura, em média, 30 dias onde a fêmea pode colocar até 300 ovos durante sua curta vida, sendo aproximadamente de 7 a 10 ovos por dia. Seus ovos, conhecidos como lêndeas, são facilmente vistos nos cabelos da pessoa infectada.

Nesse contexto, para o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças pequenas é essencial considerar a organização e planejamento de ações educativas voltadas para a promoção do cuidado em saúde, com temas relevantes, a partir do cotidiano da criança no contexto escolar, familiar ou social.

Contudo, o trabalho pedagógico esbarra nas definições das responsabilidades da família, da instituição escolar e do serviço de saúde. Algumas instituições consideram a responsabilidade dos cuidados com o corpo da criança como sendo da família, porém há por parte das famílias uma reclamação da contaminação com piolhos no ambiente escolar, o que às vezes gera desgaste no relacionamento entre os profissionais da educação e as famílias.

Sendo assim, a falta de conhecimento de como combater eficazmente a pediculose, seja por parte da família ou dos profissionais da educação perdura, visto não haver ações integrais entre os setores da educação e saúde.

As escolas, em geral, não possuem regras pré-estabelecidas, nem programas educativos para controlar a pediculose em seus espaços. Além disso, há existência de professores que desconhecem a forma que a parasitose é transmitida, o que contribui para a sua alta prevalência em ambiente escolar. Encontramos poucas publicações com relação à pediculose em escolas brasileiras, sendo que a maioria delas apenas identificava a alta prevalência da doença nos alunos. Já, programas de controle para esse agravo são quase inexistentes (Pagotti, et al, 2012, p. 77).

Com a ausência dessas ações intersetoriais, os educadores, de alguma forma, lidam com a pediculose, mesmo sem orientações ou conhecimentos adequados para o enfrentamento da interrupção da cadeia de infestação. Conforme afirmam Goldschmidt e Loreto (2012), um dificultador no combate a esse ectoparasita são os mitos e tabus enraizados na sociedade, a automedicação, utilização de receitas populares que não possuem eficácia comprovada cientificamente e alguns piolhidas usados de forma errada, em quantidade inapropriada, com falhas na reaplicação, que ocasionam a resistência aumentada aos produtos e a reinfestação.

2.5 A IMPORTANCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA

Sempre foi um desafio grande para a Educação promover a conexão entre família e escola, porquanto muitas vezes os responsáveis pensam na instituição de Educação Infantil como um lugar para que seus filhos fiquem, por logo período, enquanto trabalham, não percebendo a importante função educativa promovida pela escola.

A LDB nº 9394/96, no artigo 2º diz:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p. 7).

Norteadada pela lei, a família tem grande responsabilidade no pleno desenvolvimento da criança. Sendo necessária uma parceria e um bom diálogo entre a instituição de educação infantil e a família.

Segundo Bourdieu (1996) *apud* Costa e Souza (2019), a família desempenha um papel fundamental no que se refere a transmissão de valores e comportamentos, independente de qual classe social pertençam, pois é por meio da família que se incorpora hábitos primários que muitas vezes perduram para a vida inteira.

É importante que a instituição educacional conheça as culturas plurais advindas das culturas familiares, pois para a promoção da Educação em Saúde com crianças pequenas é necessário considerar o contexto familiar em que a criança está inserida, pois a criança depende de um adulto responsável para satisfazer suas necessidades básicas e mais elaboradas, como alimentação e higiene, assim como preservar seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Sendo assim, a escola tem o escopo de complementar a educação, a partir do que a criança já tem de prévios conhecimentos do ambiente familiar, impulsionando-as para a conquistas de novos saberes e conhecimentos de diversas áreas.

Os benefícios de uma aproximação entre família e escola estão para além de um relacionamento amigável. Perpassa por transformações evolutivas e gradativas, podendo chegar a mudanças de hábitos e valores, além de desmistificar mitos e culturas populares sem comprovação científica de toda a família, vizinhos e assim sendo o fazer pedagógico vai para além dos muros da escola.

Outrossim, outro benefício é a criança sentir-se segura, estimulada, protegida e incentivada pela presença e participação da família em sua vida escolar.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa se orienta metodologicamente pelo viés da pesquisa qualitativa. Com a ação fundamentada na Investigação Científica e em Atividades Práticas Experimentais, potencializando práticas de Ensino de Ciências pertinentes a faixa etária de creche e pré-escola, buscando embasamento em uma perspectiva Freireana de alfabetização crítica, onde a ação e reflexão são inseparáveis.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação é caracterizada como “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Os autores ainda corroboram que “Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências e pontos de vista do informador”.

Nessa perspectiva, os autores apresentam que a investigação qualitativa possui cinco características:

1. Na investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. Os investigadores constituindo o investigador o instrumento principal, interessam-se mais pelo processo do que pelos simples resultados ou produtos;
4. Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994, p 47-51).

A partir do que diz Bogdan e Biklen (1994), a metodologia qualitativa, interessa-se em conhecer as perspectivas dos sujeitos envolvidos e o investigador tem o importante papel no entendimento dos dados coletados. Ainda em relação à abordagem qualitativa, os autores mencionados apresentam que na investigação qualitativa há mais interesse pelo processo do que pelos resultados.

Da mesma forma, De Souza Minayo (2013, p. 63-64) indica que “[...] a pesquisa social trabalha com gente e com suas realizações, compreendendo-os como atores sociais em relação”, e que no campo os sujeitos da investigação:

Fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando num produto compreensivo que é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações, suas entrevistas e observações, suas inter-relações com os colegas de trabalho (De Souza Minayo, 2013, pp. 63-64).

Baseada da realidade do *locus* de pesquisa, da função que exerço nesta Unidade Escolar atualmente, dos estudos já consolidados, por acreditar na parceria de interesses e preocupações do pesquisador e docentes, onde um busca mais conhecimento e domínio da pesquisa e o outro busca melhorar a prática docente, e também acreditando que a pesquisa proposta não é impositiva, mas tem caráter construtivista onde o pesquisador não deve ser condutor dos conhecimentos, mas um facilitador e mediador na construção de conhecimentos por meio da interação do docente com a pesquisa realizada, que essa pesquisa dá voz ao sujeito e não o trata como objeto (De Freitas Mussi, 2019), que essa pesquisa trilha o caminho de uma abordagem qualitativa.

Essa pesquisa de natureza aplicada e com objetivos exploratórios-descritivos, conforme Gil (1999) foi desenvolvida para proporcionar uma visão ampla a cerca de um determinado fato de modo a reunir mais conhecimento e incorporar características inéditas, assim como buscar descrever, identificar e relatar dimensões ainda não conhecidas.

Para Gil (2002, p.41-42) as pesquisas exploratórias: “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” e as pesquisas descritivas: “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Dessa forma, esta pesquisa apresenta objetivos exploratórios-descritivos, pois também utiliza, na coleta de dados, questionários, observação sistemática e estuda as características dos participantes da pesquisa.

A pesquisa ser exploratória proporcionou uma visão ampla da necessidade de trabalhar a Educação em Saúde com crianças pequenas, no contexto de uma creche municipal do Município de Duque de Caxias-RJ, a partir das falas das profissionais de educação e das percepções das crianças.

3.1. Contexto da pesquisa

O *locus* da investigação é uma creche municipal² localizada no 4º distrito do município de Duque de Caxias, um dos municípios da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Uma área considerada rural pelo Censo Demográfico, onde há muitas ruas sem pavimentação e sem saneamento básico. A população local é bem carente, apesar de já ter sido observado um avanço no poder aquisitivo da comunidade, comparado com anos anteriores.

No bairro observa-se comércios como mercado, padaria, bares, salão de beleza e outros pequenos comércios, mas é notório que no decorrer dos anos o bairro cresceu e não apresenta alto índice de violência e criminalidade, apesar de em alguns momentos sabermos notícias de fatos isolados. A maior diversão e lazer é a praça que fica em frente a creche, onde reúnem-se famílias e amigos no final da tarde e finais de semana.

Figura 1

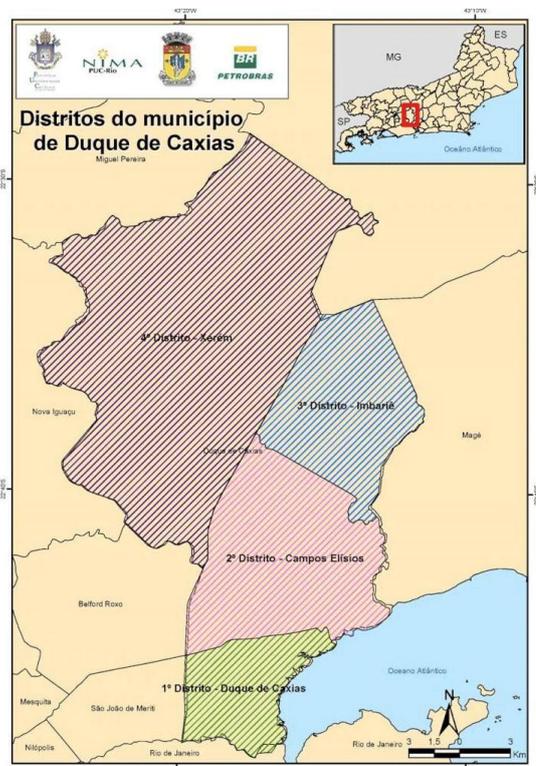
Município de Duque de Caxias dividido em bairros.



Fonte: Wikimédia, 2020.

Figura 2

Município de Duque de Caxias dividido em Distritos.



Fonte: Lab-Gis-PUC-Rio, 2009.

² Apesar de na nomenclatura da Instituição de Ensino, *locus* da pesquisa, conter apenas o nome “Creche”, a Instituição atende também crianças de Pré-Escola de 4 anos.

Sobre a infraestrutura da creche, o prédio não foi projetado para ser uma Instituição de Educação Infantil, ele era a residência de uma família conhecida no bairro. Essa família alugou o prédio para a prefeitura que fez adequações possíveis para se tornar uma creche e atender as crianças de 1 a 5 anos da comunidade.

A creche possui dois pavimentos. O primeiro pavimento é composto de sala da direção, cozinha, sala de enfermagem, dois banheiros para funcionários, quatro banheiros para as crianças, duas salas de referência, pátio pequeno onde ficam o parquinho e o refeitório. Os espaços no primeiro pavimento, em sua maioria, eram cômodos de uma casa comum que foram pensados devido a localização no prédio e tamanho para ser determinado o que se tornaria na instituição.

No segundo pavimento ficam três salas de referência, uma sala de professores, uma sala dos tesouros pedagógicos (onde são guardados, bem organizados, os materiais estruturados e não estruturados para serem utilizados com as crianças em propostas pedagógicas), um depósito e uma despensa. O segundo pavimento era o terraço da casa que após as adequações, com divisórias de eucatex, formaram-se as salas e espaços registrados. O espaço físico não é adequado para atender crianças tão pequenas, onde essas precisam subir e descer escadas com muita frequência, além de não ter banheiros no pavimento superior.

É importante ressaltar que os profissionais da creche usam a expressão sala de referência para se referir a salas onde as crianças permanecem e realizam as atividades diárias. As salas de referência são pequenas, mas recebem até doze crianças de um ano e até vinte crianças de dois a quatro anos em cada sala.

A Unidade Escolar não possui espaço em contato com a natureza e nem espaço para atividades ao ar livre. Foi construída uma horta suspensa em uma das paredes para que pudesse ser trabalhado o projeto Alimentação Saudável em foco, porém a horta não foi adiante e permanecem alguns espaços com algumas plantas que não são hortaliças. Para atividades ao ar livre e outras que precisam de maior espaço, as professoras utilizam a praça em frente a creche, e todas as crianças possuem autorização para tal atividade.

Atualmente a creche atende seis turmas: uma turma de um ano, uma turma de dois anos, duas turmas de três anos, todas em período integral de 07h30 às 11h30. Já em período parcial atende: uma turma de quatro anos no turno da manhã 07h30 às 11h30 e uma turma de quatro anos no turno da tarde 12h às 16h. Quanto aos

funcionários que atuam na creche são: uma diretora, duas orientadoras pedagógicas que trabalham em regime de redução de carga horária, uma professora estatutária, duas professoras de Processo Seletivo Simplificado (PSS), nove Auxiliares de Desenvolvimento da Educação Básica (ADEBs), duas Estimuladoras Materno Infantil (EMI), duas agentes de apoio sendo uma auxiliar de secretaria e uma porteira, três auxiliares de serviços gerais, três cozinheiras, duas monitoras de transporte escolar e um motorista.

A creche foi fundada em 10 de maio de 2003, com o intuito de atender as crianças desnutridas ou com baixo peso da região, visto ser muito comum essa situação na época da inauguração. Em parceria com a Pastoral da Criança, uma Igreja Católica local, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde e Secretaria Municipal de Assistência Social, um projeto piloto foi inaugurado para atender as crianças de um a cinco anos com baixo peso, pois nesse local algumas crianças vieram a óbito devido a desnutrição materno-infantil.

Essa parceria multissetorial aos poucos foi se diluindo e hoje atua, regularmente, apenas a Secretaria Municipal de Educação com o cunho pedagógico, bem similar as demais creches do município, descaracterizando assim o projeto inicial que envolvia principalmente a Secretaria Municipal de Saúde (com médicos semanalmente, técnico de enfermagem diariamente e assistente social semanalmente acompanhando as famílias) e a Secretaria Municipal de Assistência Social (com cestas básicas mensalmente distribuídas as famílias em vulnerabilidade de nutrição).

O ingresso nesta Unidade Escolar se dá através de pesagem e aferição de altura por nutricionistas e assistentes sociais, em conformidade com as normas do Ministério da Saúde, sobre o peso/altura ideal para a faixa etária. No caso de a criança estar com baixo peso/estatura ou em risco nutricional, seu ingresso é liberado pelos profissionais da saúde, e as crianças são matriculadas iniciando sua vida escolar. Essa pesagem é anual, geralmente no mês de dezembro, sendo divulgada na comunidade, para ingresso no ano seguinte.

Essa é a única creche do bairro, e devido o critério de ingresso ser por baixo peso ou baixa estatura, esse se torna um grande desafio para a Unidade Escolar, que sempre recebe um número de inscrições muito grande para a pesagem e em anos anteriores não tinha vaga para todas as crianças inscritas que além de passar pela

pesagem ainda precisava ter o número de vagas disponível por turma. Em contrapartida, atualmente, há a oferta de vaga e não há crianças no perfil de baixa estatura e baixo peso, apesar de haver muitos interessados nas vagas, já tendo até um número de crianças com obesidade maior do que crianças com baixo peso e estatura. O que mostra que o projeto precisa ser repensado e reformulado, visto tantas mudanças no perfil de crianças do bairro e das parcerias multissetoriais já não serem as mesmas.

A seleção da escola como local da pesquisa se deu pelo fato de a pesquisadora ser professora desde 2004 nesta unidade, no momento atuar como gestora desde 2020 e já ter um nível de conhecimento sobre o perfil dos educadores, educandos e responsáveis, oportunizando assim um maior envolvimento com o projeto e a comunidade educativa. Esta escolha não influencia o olhar para as questões pesquisadas, uma vez que a intenção é pesquisar as práticas pedagógicas em relação ao ensino de Ciências e da Educação em Saúde, com o intuito de promover reflexões e possibilidades de aprimoramento dessas práticas.

3.2. Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa, colaboradores para o aprimoramento de práticas voltadas para a Alfabetização Científica e para a promoção da Educação em saúde, foram: duas professoras regentes das turmas de 3 e 4 anos, duas Estimuladoras Materno Infantil (EMI), quatro Auxiliares de Desenvolvimento da Educação Básica (ADEBs) das turmas de três anos, trinta e duas crianças, sendo cinco crianças da turma 31, doze crianças da turma 32, oito crianças da turma 41, sete crianças da turma 42 e um responsável de uma criança da turma 32.

Quadro 3: Participantes da pesquisa

Participantes	Quantidade
Professores	02
ADEBs	04
EMI	02
Responsáveis	01
Crianças	32
TOTAL	41

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O critério para a escolha dos profissionais que participaram foi o fato de trabalharem com as turmas de três e quatro anos.

A creche possui duas turmas de três anos e duas turmas de quatro anos, público alvo desta pesquisa. Sendo três professoras, pois uma delas faz aula extra e assume a outra turma no período da tarde. Uma das professoras iniciou na pesquisa com contribuições, preenchimento do questionário e roda de conversa, mas não pode seguir devido problemas de saúde de sua mãe, precisando se ausentar da creche. Dessa forma, apenas duas professoras regentes participaram representando as turmas de três e quatro anos. Uma professora concursada e uma terceirizada através do Processo Seletivo Simplificado (PSS).

As EMIs, são concursadas e funcionárias da prefeitura municipal, atuam nas turmas de três e quatro anos como auxiliares do professor regente. Uma delas atua direto na turma 31 e a outra auxilia nas turmas quando há ausência de funcionários, cobrindo faltas circunstanciais e licenças médicas. Há apenas essas duas EMIs no quadro funcional da creche.

As ADEBs atuam como auxiliares exclusivamente nas turmas de creche, de um a três anos. Comumente há duas auxiliares em cada turma de creche, dessa forma são quatro auxiliares que atuam com as turmas de três anos e na turma de quatro anos não há auxiliar, apenas o professor regente. As ADEBs, assim como as EMIs, auxiliam as professoras regentes nas atividades pedagógicas e em toda a rotina da creche que inclui o cuidar e educar.

A participação das profissionais e suas falas são de suma importância visto estarem ativamente trabalhando com as crianças, conhecendo-as no cotidiano da prática pedagógica, trazendo conforto e segurança para a participação das crianças pequenas por terem um adulto de referência do seu dia a dia na proposta apresentada.

É de extrema relevância registrar que todos os responsáveis foram convidados para participar da pesquisa junto com seus filhos, visto que a Educação em Saúde para essa faixa etária precisa mais do que apenas trabalhar com as crianças, é necessário inserir as famílias para que seja efetiva a aprendizagem e mudanças de hábitos. Foram feitos vários convites, através de reunião de pais, por mensagem via aplicativo Whatsapp enviada pela equipe diretiva da creche nos grupos das turmas de três e quatro anos e no portão da Unidade Escolar.

Os pais assinaram e entenderam a importância de seus filhos participarem como proposta pedagógica e científica, mas não foram acolhedores ao convite de participarem junto com eles. Das trinta e duas famílias que autorizaram a participação de seus filhos, apenas uma família participou e reiterou a importância de estar com o filho neste momento. Percebe-se que o tema da pesquisa ainda é um tabu a ser rompido e desmistificado com um trabalho sério para que seja entendido pela comunidade local como uma ferramenta para a promoção da Educação em Saúde.

Em relação ao perfil acadêmico e profissional das professoras, ambas possuem graduação em Pedagogia, a professora “Laura” tem quatro anos de experiência no magistério e há seis meses atua na creche *locus* da pesquisa, concluiu a formação de professores em 2016 e ainda não possui pós-graduação *Latu senso*. Já a professora “Raquel” possui pós-graduação *Latu Senso* em Educação Ambiental, concluída em 2023, experiência de dezessete anos no magistério e desses trabalha há oito anos na creche *locus* da pesquisa.

As duas EMI possuem graduação em Pedagogia. A EMI “Claudia” possui pós-graduação *Latu senso* em Psicopedagogia, possui oito anos de experiência no magistério e todos eles na creche pesquisada. A EMI “Iris” possui pós-graduação *Latu Senso* em Gestão Escolar, experiência de oito anos e oito meses no magistério e todos eles também na creche pesquisada.

As ADEBs possuem um perfil acadêmico e profissional mais diversificado no que diz respeito a formação e experiência profissional. Em suas respostas elas têm entre quatro anos a dezenove anos de experiência no magistério, mas quando se trata de tempo de atuação no *locus* da pesquisa os números mudam de cinco meses a catorze anos. Todas possuem formação de professores, mas apenas quatro possuem graduação completa ou estão cursando Pedagogia, as outras duas não possuem e nem estão cursando.

As professoras cumprem uma carga horária de quatro horas diárias de 07h30min até às 11h30min, porém a professora “Laura” permanece na creche em regime de aula extra atendendo outra turma de 12h30min até 16h30min. As EMIs cumprem uma carga horária de seis horas diárias de 07h30min até 13h30min. E as ADEBs cumprem carga horária de 44h semanais, de 07h até 16h48min diariamente.

A lei vigente garante que os professores tenham direito a um terço da jornada de trabalho para atividades extraclasse, como planejamento. Dessa forma, as

professoras permanecem dois terços do período em interação com as crianças e nesse momento precisa estar focada para que não haja prejuízo ao educando no cumprimento as suas atividades pedagógicas, já no período de planejamento elas precisam planejar as aulas, atender as famílias, quando necessário, preencher diário e elaborar os projetos que são de interesse das crianças, assim como organizar o portfólio da turma. Diante dessa rotina bem intensa de atividades e tempo escasso foi difícil organizar a coleta de dados com essas profissionais, apesar de se mostrarem muito solícitas em participar da pesquisa.

Devido as ADEBs serem contratadas em regime de Consolidação de Leis de Trabalho, há uma rotatividade muito grande dessas profissionais. Durante a pesquisa uma delas, que estava participando ativamente, foi transferida de Unidade Escolar. Outro fator relevante é que na ausência do professor, por motivos diversos, as ADEBs e EMIs assumem a responsabilidade pedagógica com a turma, pois todas elas possuem formação de professores a nível de Ensino Médio.

Promover as profissionais que atuam no *locus* da pesquisa e as crianças um encontro acolhedor, com intencionalidade e com escuta ativa apurada, focada não só na fala, mas também nos gestos e expressões das emoções, fez toda a diferença para passar segurança as crianças e respeito as profissionais que se envolveram na pesquisa e deram contribuições significativas.

3.3. Coleta de Dados

Antes de falarmos sobre a coleta de dados é importante considerar que no contexto de escola de primeira infância, o índice de doenças contagiosas e infectocontagiosas é alto devido ao tempo que permanecem juntos, pelos brinquedos e objetos que são compartilhados, além de dormirem muito próximos, muitas vezes usando lençóis e travesseiros de forma coletiva.

Um dos problemas mais prevalentes e motivo de bastante desgaste na Educação Infantil é a pediculose (Goldschmidt e Loreto, 2012). A infestação de piolho de cabeça é rapidamente difundida na primeira infância e é muito comum ouvir os profissionais falando de crianças com pediculose ou famílias reclamando de infestação em seus filhos.

Diante deste dilema, que se perpetua há centenas de anos, surgiu o problema de pesquisa, como uma necessidade de entender o que as crianças sabem sobre o tema, o que as famílias sabem e o que os profissionais sabem e trabalham sobre isso.

Não seria um projeto investigativo se antes de tudo as crianças não fossem ouvidas para saber seus prévios conhecimentos sobre o tema e a partir de que ponto começar a trilhar nesta pesquisa com elas. Também foi muito relevante saber o que as profissionais de educação sabiam sobre o tema e suas concepções de infâncias para que pudéssemos trilhar um caminho a partir dos saberes que já permeavam dentro da instituição.

Na busca pela base de conhecimento da comunidade escolar, que os instrumentos para obtenção da coleta de dados foram: para as professoras questionários estruturados sobre a experiência profissional e acadêmica, roda de conversa e entrevistas semiestruturadas. Para as ADEBs e EMIs: questionários estruturados sobre a experiência profissional e acadêmica, roda de conversa e entrevistas semiestruturadas. Para as crianças: roda de conversa sobre o piolho, oficina de desenho e pintura do ectoparasita.

Quadro 4 – Linha do tempo da coleta de dados

Mês/Ano	Processo de coleta	Participante da pesquisa
Out/2024	Roda de conversa e oficina de desenho	Crianças
Out e Nov/2024	1ª entrevista, questionário estruturado e roda de conversa	Professores, ADEBs e EMIs
Nov e Dez/2024	Aplicação do Produto Educacional	Crianças e Responsável
Dez/2024	2ª entrevista – Validação do Produto Educacional	Professores, ADEBs e EMIs

Fonte: Dados da pesquisa

3.3.1 Roda de Conversa

A Roda de Conversa (RC) foi o ponto inicial e crucial com os participantes, pois nela, de forma acolhedora, o vínculo com a pesquisa foi tomando forma e tanto as profissionais quanto as crianças ficaram mais a vontade de expor suas opiniões em relação ao tema. Percebe-se que neste momento os receios em participar da pesquisa de alguns profissionais foram sendo desmistificados, pois houve o entendimento que

elas não seriam avaliadas ou julgadas, mas seriam parceiras e colaboradoras, contribuindo com sua prática e conhecimento, nesta pesquisa.

Conforme Vargas (2016), a roda de conversa é um elemento imprescindível e deve ser explorado por sua relevância e contribuições, além de proporcionar um espaço cheio de vida, onde compartilham-se saberes, emoções, respeito, pluralidades e é um alicerce para novos conhecimentos.

Para De Sousa *et al* (2019), a roda de conversa é um momento de interação e escuta dos interesses, potencialidades e curiosidades das crianças, onde o professor precisa estar com os cinco sentidos atentos a um tempo que não é cronológico, mas sim um tempo de doação para ouvir com inteireza.

Sendo a escuta das crianças um elemento tão precioso para a prática pedagógica na etapa da Educação Infantil, a chamada “roda de conversa” se torna um espaço-tempo da rotina importante para se conhecer os discursos e as práticas das educadoras de crianças pequenas nas creches e pré-escolas em relação a essa atividade (De Sousa *et al*, 2019, p.75-76).

A partir dessas afirmações da importância da roda de conversa no contexto de Educação Infantil e para a pesquisa, que a RC foi pensada para iniciar a coleta de dados.

Com as professoras, ADEBs e EMIs a RC iniciou-se pela explicação do projeto, os riscos e benefícios, passando para uma conversa mais pontual após as perguntas da entrevista, onde elas puderam falar sobre suas concepções e apesar do tempo para esse momento não ter sido grande pela rotina da creche, percebeu-se que se houvesse um tempo maior, elas fariam mais sobre suas percepções de infâncias e como tem sido essa transformação ao longo dos anos, da importância de se trabalhar com as crianças e famílias sobre temas relacionados à higiene. A roda de conversa foi fluida e com a participação de todos os envolvidos de forma espontânea. Essa conversa foi gravada em áudio.

Na roda de conversa com as crianças, que foi filmada para que não se perdessem expressões, emoções e as falas peculiares de cada criança, dando a liberdade para que falassem e fossem ouvidas com atenção e respeito sobre os seus conhecimentos prévios a respeito do piolho. A empolgação tomou conta das crianças que foram ouvidas em grupos por turma, para facilitar a escuta ativa de cada uma. Foram feitas as seguintes perguntas norteadoras: O que pode estar na cabeça quando ela está cocando muito? O que o piolho come? Onde ele vive? Como ele nasce?

Dessas perguntas surgiram vários comentários e indagações das crianças, mas neste momento foi apenas a escuta, para que a partir dos conhecimentos ou da necessidade de ampliação desses que entrou a atuação do Produto Educacional Ilha das Descobertas.

3.3.2 Questionário Estruturado

Para Chaer, Diniz e Ribeiro (2012), o questionário estruturado apresenta questões de fácil interpretação, respostas padronizadas e uniformes, facilidade de conversão de dados. E segundo Gil (1999, p.128), é uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”.

Nesta pesquisa, o questionário foi para conhecer o nível acadêmico e a experiência profissional dos professores e auxiliares. O questionário foi feito no Google Forms® e continha perguntas fechadas para a caracterização do perfil dos participantes, como: Quanto tempo trabalha no magistério, quanto tempo trabalha no *locus* da pesquisa, qual a formação acadêmica (formação de professores, graduação e pós-graduação *latu senso*).

3.3.3 Entrevista

A entrevista, organizada de forma semiestruturada, aconteceu após a roda de conversa com as profissionais de educação. Foi realizada em pequenos grupos devido a rotina da instituição, para não prejudicar o direito das crianças em ter o pedagógico garantido.

Segundo Gil (2008), a entrevista é uma forma de obtenção dos dados relevantes à pesquisa e Minayo (2009), diz que a entrevista estruturada pode ser apresentada de forma aberta ou fechada, desde que o entrevistado tenha liberdade de responder sobre o tema proposto sem se prender a formalidade da pergunta.

Para que cada uma pudesse expressar sua opinião sem ser influenciada pela opinião da colega de profissão, foi dada uma folha com as perguntas escritas para que as profissionais respondessem, primeiramente, escrevendo suas concepções sobre cada tópico e depois retomamos a roda de conversa para expor as opiniões e dialogarmos sobre cada pergunta:

Na entrevista com as professoras as perguntas norteadoras foram as seguintes:

Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, mudou alguma coisa?

Qual a concepção de infância que abarca a sua prática?

Como você trabalha o currículo de ciências, baseado nas leis vigentes?

Você já ouviu falar de Educação em Saúde? Se já, você acha relevante trabalhar esse tema com as crianças público alvo da EI? Porque? Como seria sua abordagem para trabalhar esse tema?

Já na entrevista com as ADEBs e EMIs as perguntas foram um pouco diferenciadas devido ao grau de conhecimento acadêmico e experiência profissional. Dessa forma, no primeiro momento, não foi abordado o tema Educação em Saúde, para inicialmente saber o nível de conhecimento das auxiliares e não causar constrangimento ou desinteresse em participar da pesquisa, por sentirem-se aquém do que estava sendo perguntado ou proposto, visto que muitas nunca trabalharam na Educação Infantil e no contexto de creche, trabalhando anteriormente em outras áreas diversas que não a educação, apesar de a maioria ter o Ensino Médio em formação de professores.

Para essas profissionais as perguntas norteadoras foram:

Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, mudou alguma coisa?

Como você percebe a infância na creche?

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia da creche?

O que você pensa quando falamos de Ensino de Ciências?

Você acha importante abordar temas que envolvam a saúde e higiene, com as crianças na EI? Por quê?

O termo Educação em Saúde foi substituído por saúde e higiene por ser uma expressão comumente usada pelas auxiliares no cotidiano da creche.

A entrevista dos pequenos grupos foi leve e as educadoras se reportaram algumas vezes a sua formação familiar e a sua infância em comparação com as infâncias de hoje e as diferenças nos valores familiares e culturais atuais.

De acordo com Martins:

Uma entrevista pode oferecer elementos para corroborar evidências coletadas por outras fontes, possibilitando triangulações e conseqüente aumento do grau de confiabilidade do estudo. Além disso, uma entrevista pode oferecer perspectivas diferentes sobre determinado evento por falas, e olhos de distintos entrevistados (Martins, 2008, p. 27-28).

Essas entrevistas foram gravadas em áudio e registradas de forma escrita e através de fotos como forma de registros de dados. Segundo Belei *et al* (2008), o uso de vídeogravação (filmagem) tem se tornado mais comum em pesquisa qualitativas, por assegurar ao pesquisador uma observação controlada e sistemática que garante a fidedignidade da investigação científica, podendo inclusive rever depois e transcrever de forma fiel. Bogdan e Biklen (1994, p.140) afirmam que “a fotografia de inventário pode ser tirada em qualquer altura que seja conveniente e podem ser certamente adiadas, dando a oportunidade à condução cuidadosa da entrevista e da observação”.

Dessa forma, as contribuições da gravação de vídeo, fotografia e recursos audiovisuais em geral são significativas e de grande relevância para o sucesso e fidelidade da pesquisa.

3.3.4 Oficina de Desenho

Antes da concepção do alfabeto e do código linguístico, como conhecemos hoje, os povos primitivos usavam pinturas rupestres para se comunicar, enviar mensagens e transmitir ideias.

Na primeira infância, onde as crianças ainda não dominam o código linguístico escrito, o desenho é uma forma de expressão valorosa.

Para Da Costa Silva (2016), o professor precisa ter um olhar atento sobre as expressões dos desenhos realizados pelas crianças em sala de aula, pois esse fazer artístico da criança é sua forma de comunicação e uma linguagem.

Trago como abordagem reflexiva de que o professor deve deixar as crianças explorarem o meio em que está inserida dentro e fora da sala de aula, criando rodas de conversas, produções de desenhos, usando canetinha, giz de cera, tintas e colagem. O professor estará contribuindo para uma prática diferenciada, reconhecendo a “criança” com ela é, ou seja, como um ser completo (Da Costa Silva, 2016, p. 1118).

Com as crianças das turmas de três e quatro anos, após a roda de conversa, foi realizada uma oficina de desenho para que pudesse expressar como imaginavam ser o piolho através da linguagem artística.

Para isso foram disponibilizados os seguintes materiais: folhas de papel A4 com gramatura 180mg, caixas de lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever, canetinha e borracha. Esse momento foi filmado para que as riquezas dos detalhes fossem registradas na pesquisa.

O desenho, criação da criança, tem o poder de transmitir suas ideias e essa linguagem foi respeitada para traduzir seus pensamentos sobre o que é o piolho.

3.4. Análise de dados

Com a coletas de dados registrada, a metodologia da análise de dados ganha *corpus*. Na busca de responder à pergunta do problema de pesquisa, que a pesquisadora, se apoia em Minayo (2009, p.14) quando diz que a metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” onde o fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método, técnicas e com a criatividade do pesquisador.

Com base neste princípio, opta-se pela análise dos dados pautada na Análise de Livre Interpretação (ALI) proposta por Anjos, Rôças e Pereira (2019, p. 33). Na qual, busca-se uma maior liberdade do professor-pesquisador aliando suas pesquisas ao referencial teórico que é o suporte para atender a proposta e objetivos da pesquisa.

A ALI se situa em um rol em que a compreensão teórica busca atender à proposta e objetivos da pesquisa, discutindo suas bases na união da teoria trabalhada e dos elementos subjetivos próprios a quem disserta, pesquisa e ministra aulas simultaneamente. O professor-pesquisador, ao analisar os dados coletados, é capaz de extrapolar as bases teóricas na medida em que realiza inferências pautadas em um quadro de observações de vivências que acontecem entre participantes da pesquisa e pesquisadores (Anjos, Rôças e Pereira, 2019, p.27).

A partir da inspiração em Freire (2000; 2007), aposta-se em uma pesquisa onde o pesquisador busque a liberdade e criatividade em textos autorais, não padronizados, sem suprimir a espontaneidade e o livre pensar, pautado no observado no campo de pesquisa e sob um referencial teórico robusto.

Essa criatividade ancora-se em pesquisas qualitativas do pensamento científico, que se manifesta como chancela de interpretação professor-pesquisador que está situado no mundo da investigação minuciosa e propositada, constituindo-se, portanto, em um enfoque interpretativo da realidade que se faz de vários instrumentos constitutivos da vida humana (Anjos, Rôças e Pereira, 2019, p.29).

A ALI convida a uma imersão na tríade campo de pesquisa, referencial teórico e metodologia, sem cercear as ideias e reflexões colhidas pelo pesquisador, considerado como agente ativo e não como um relator passivo.

Nas pesquisas qualitativas, com foco no ensino de ciências, Minayo (2008, p.20) aponta que “a criatividade do pesquisador corresponde a sua experiência reflexiva, a sua capacidade pessoal de análise e de síntese teórica, a seu nível de comprometimento com o objeto e a sua capacidade de exposição lógica”.

Corroborando com a autora, a ALI apoia que a análise de dados não seja feita de forma “amarrada”, confinando palavras e ideias, mas que o pesquisador tenha autoria, ética ao interpretar os dados, habilidade criativa e que analise sua experiência vivenciada na sutileza das falas e gestos de cada participante, somados ao conhecimento do aporte teórico que fundamenta a pesquisa.

A ALI, portanto, se coloca e se apresenta numa fecundidade dialogal, dialética, com os autores de referências do trabalho de pesquisa, com o professor-pesquisador e com os participantes que discursaram, anunciando seu pensamento, sob argumentação sólida, lúcida, coerente com as premissas, dentro de um princípio crítico sobre as temáticas ali propostas a serem investigadas (Anjos, Rôças e Pereira, 2019, p.33).

Destarte, a ALI não sugere um “achismo” raso com interpretações infundadas, ao contrário, é necessário embasamento teórico, observação minuciosa envolvendo todo o contexto da pesquisa, além do mergulhar do pesquisador nos estudos e do olhar diferenciado para o campo de pesquisa.

A ALI propõe que a criatividade e a criticidade, que envolvem a pesquisa, esmiúce os saberes, as descobertas e traga à tona o que está enraizado na realidade social, educacional e cultural do observador e do observado.

Ao fazer uso de uma lente com zoom “ciência e cientificidade” no ensino de ciências, focando a proposta da ALI, [...], vimos que a compreensão da realidade é condição *si ne qua non* para o pesquisador se envolver e perceber com maior afinco o mundo, os fenômenos, os processos e fatos, e, assim, poder processar, com maior propriedade, a análise das expressões humanas presentes nas relações, nos sujeitos e nas representações objetivas e subjetivas da realidade, cercando a temática trabalhada no entendimento e compreensão das mediações e relações existentes no olhar do pesquisador. Ao analisar o *corpus* de uma pesquisa sob essa perspectiva, as categorias de análise emanam não somente da teoria, mas também da habilidade criativa e da experiência vivenciada pelo professor-pesquisador (Anjos, Rôças e Pereira, 2019, p.31).

Dessa forma, manter-se atento as falas, gestos, nuances, textos verbais e não-verbais e ouvir de forma apurada fazem o professor-pesquisador alargar a visão e perceber o que diz as entrelinhas. É no aspecto relacional entre teoria e metodologia que se baseia a capacidade argumentativa da ALI.

O método de análise desta pesquisa tem como objetivo principal colocar em pauta a apreciação com relação ao tema investigado e trazer à tona a problemática

que se busca aprofundamento, soluções, registros, conexões e discussões que levam a caminhos de considerações e conclusões a partir do referencial teórico e contribuições dos participantes da pesquisa, a saber: profissionais da educação (Professoras. EMIs e ADEBs), crianças de três e quatro anos e os responsáveis sobre a Pediculose, com uma abordagem de promoção de Educação em Saúde.

3.5. Ética na pesquisa

A pesquisa, bem como a metodologia detalhada acima, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy – UNIGRANRIO AFYA, que é composto por um grupo de pesquisadores que trabalham para garantir que os direitos dos participantes da pesquisa sejam respeitados. A numeração do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 82739724.6.0000.5283 e o Parecer Consubstanciado de aprovação tem o número 7.088.808.

Foi bem esclarecido aos participantes que as informações colhidas não serão divulgadas de forma a possibilitar sua identificação. As identidades pessoais dos participantes foram preservadas com a finalidade de respeitar os princípios éticos da pesquisa e os nomes dos profissionais da educação, das crianças e da responsável foram modificados por nomes fictícios.

Ficou à disposição dos responsáveis das crianças, professores, EMI e ADEBs o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de autorização de uso de imagens e depoimentos. Como as crianças participantes desta pesquisa são menores de 18 anos, os responsáveis legais assinaram esse termo, garantindo que todos que participaram fossem filmados com autorizações.

Os participantes também foram informados do objetivo deste estudo e de como seria sua participação, além de esclarecido que a qualquer momento poderiam desistir de participar e retirar seu consentimento sem nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a Unidade Escolar.

Considera-se que toda pesquisa com seres humanos apresenta riscos e esses riscos foram relatados aos participantes, sendo eles o cansaço, desinteresse, desconforto ao falar sobre pediculose e em participar das entrevistas, roda de conversa e do jogo investigativo ou até mesmo se sentirem constrangidos com o tema.

Os caminhos para minimizar esses riscos foi o diálogo respeitoso e a seriedade apresentada desta pesquisa.

Durante a pesquisa foi explicado que não haveria julgamentos as falas, atitudes e respostas dadas por nenhum profissional ou criança, pois a intenção da pesquisa é conhecer melhor a prática de cultura científica realizada na creche, ajudar a pensar a investigação científica como forma de promover a Educação em Saúde e colaborar com a formação profissional, compartilhando saberes, experiências e vivências com quem atua na linha de frente da Educação Infantil, tornando-se esse o maior benefício da pesquisa em tela.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa surgiu mediante a problemática das doenças contagiosas e infectocontagiosas, em uma creche no quarto distrito do município de Duque de Caxias-RJ, principalmente a pediculose, que era motivo de inquietações nas profissionais de educação e reclamações dos responsáveis.

A infestação por pediculose já é bem conhecida nas escolas de Educação Infantil, sendo sempre um problema a ser enfrentado pelas Unidade Escolares. Contudo, nenhuma criança com pediculose pode ter seu direito de frequentar a creche cerceado e nem ter perdas pedagógicas por afastamento, a não ser por orientação médica, por determinação da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias-RJ.

Diante dessas inquietações e do anseio de modificar ou minimizar essa questão tão recorrente, que foram utilizados métodos de coletas de dados com os participantes da pesquisa a saber:

4.1 Crianças de três e quatro anos

O quantitativo inicial de crianças pensado para essa pesquisa foi de trinta e cinco crianças das turmas de três anos (turmas 31 e 32) e quatro anos (turmas 41 e 42), contudo apenas trinta e duas famílias assinaram o TCLE autorizando a participação dos filhos na pesquisa.

Iniciou-se a pesquisa com a roda de conversa em grupos por turma, onde as crianças foram levadas a pensar na pergunta norteadora inicial, feita em todos os grupos: Quando a cabeça está coçando muito, o que pode ser?

Na turma 31 as respostas foram unânimes: o piolho. As crianças estavam bem agitadas sendo difícil a conversa fluir de forma mais tranquila, as educadoras da turma precisavam intervir para que a atenção deles retomasse ao proposto. Esse perfil agitado é relatado pela professora como sendo constate.

As interações passaram pela cor do piolho: azul, vermelho, preto e branco. De onde ele nasce: “da barriga da mamãe e cresce depois”. “Ele tem papai”. Gabriel diz: “Ele tem avó”. Para essas crianças o piolho come: suco e pizza.

Na turma 32 as respostas para a primeira pergunta também foram unânimes: o piolho. “Elena” disse com rapidez: “Tia, minhas irmãs têm piolho, mas eu não tenho”. Passando para a próxima pergunta norteadora: como que o piolho nasce? “Rafael” que estava fazendo gestos com a mão fala que o piolho voa, alguns colegas concordam e ele diz: “piolho voador”, mas outros não concordam e gera-se um tumulto na conversa. Também não houve consenso se o piolho tem asas, então “Maicon” disse que ele passa para a cabeça do colega pulando.

“Maicon” faz o gesto e fala que pegaria o piolho e jogaria fora. Ao ser perguntado se dava para pegar o piolho com a mão, todos responderam que sim e “Elena” diz: “Minha mãe pega com o pente fino”.

Ao retornar a pergunta norteadora sobre como o piolho nasce, a resposta foi da barriga da mãe dele, perguntou-se se ele tem pai e algumas responderam que não e outras que sim, mas todos concordaram que ele tem “filhinhos”.

As crianças relataram que o piolho nasce pequeno e grande, a cor dele é azul, preto e branco. Para as crianças o piolho come comidinha, folha, cenoura, brócolis, macarrão e tomate, nesse momento Rafah diz: “Ele come comida para ficar forte”.

“O piolho fica escondido e precisa matar” enfatiza “Elena” e nesse momento pede um pente fino emprestado, ao ser perguntada para que ela queria o objeto: “para matar o piolho”.

Na turma 41 as respostas à primeira pergunta foi: piolho. “Elias” querendo mostrar que sabia do assunto, e sabia mesmo, disse que: “o piolho come xangue e ele fica na cabeça, mas eu não tenho piolho”.

As crianças acordaram que o piolho é preto e alguns acreditam que o piolho come comida, cabelo, frango e suco.

O diálogo foi expandindo e as crianças a todo momento faziam perguntas e respondiam para elas mesmas, como “O piolho tem casa?”, “tem é a nossa cabeça!”

Antônio falou com certeza que “Ele nasce da barriga da mãe, igual a gente!”, as crianças também foram perguntadas sobre como é a locomoção do piolho e como ele passa de uma pessoa para outra. Os colegas perguntaram a Elias, como se ele soubesse de todas as respostas, mostrando que os colegas respeitam sua opinião e acreditam no que ele fala, pela certeza e convicção que colocava suas explicações sobre o assunto, no entanto, “Elias” que sabiam muitas coisas sobre o piolho ficou na dúvida nesse assunto e apenas respondeu: “Eu acho que ele pula ou voa, mas não tenho certeza! Será que ele tem asa?”. A pergunta foi replicada a turma, mas eles não chegaram a um consenso.

Apesar das respostas destacadas de Elias, ninguém se sentiu incomodado em responder ou em participar, todos deram suas opiniões, mesmo quando não eram iguais a de Elias.

Na turma 42 as respostas foram: piolho, formiga, piolho de formiga e logo “Geralda” repreendeu dizendo: “É só piolho que faz coçar a cabeça”. Ana falou depressa: “tia, a minha cabeça não coça”, logo em seguida alguns colegas falaram que suas cabeças coçavam.

As hipóteses foram levantadas pelas crianças e a conversa permeou por diversos assuntos sobre o piolho. “Manuela” disparou: “ele é muito grande, mas fica na cabeça”. Ao ser questionada se o piolho grande caberia na cabeça, os colegas se levantaram agitados e responderam que o piolho é pequeno e também é preto. “Felipe” com tom de intelectual e querendo ensinar aos colegas declarou: “o piolho é preto, preto meio amarronzado”, tendo o consentimento dos colegas em sua fala.

Outra pergunta norteadora foi: porque a cabeça coça quando tem piolho? “Geralda” respondeu logo: “é porque ele quer comer cabelo!” Nessa hora “Felipe” interrompeu para explicar que o piolho pode passar de uma criança para outra: “quando um amiguinho tem piolho e fica perto do amiguinho que não tem piolho, os dois que tem e quem não tem piolho, o que tem piolho pode passar para quem não tem piolho”. A conversa girou em torno de como o piolho passa de uma criança para outra. As hipóteses foram: pulando, voando e gestos sem saber explicar como seria. Quando “Geralda” usou a expressão “ele vua”, “Felipe” corrigiu: “não é vua, é voa, porque o piolho voa!”.

Foi perguntado se o piolho tem asas, então houve uma grande divisão e empolgação, contudo não houve consenso e cada um queria deixar a sua opinião

como a certa. Voltando a falar sobre o que o piolho come, as crianças bem empolgadas disseram: cachorro, cavalo, cabelo, pele, cabelo e pele.

A última pergunta norteadora foi: como o piolho nasce? Mas essa perguntar eles não souberam responder e percebe-se que a atenção e concentração das crianças já estavam desfocadas, então a roda da conversa foi encerrada.

Após a roda de conversa em pequenos grupos, as crianças foram convidadas a sentarem nas cadeiras, pois estávamos em círculo sentados no chão, e participarem do momento de oficina de desenho que já estava organizado na mesa com os materiais arrumados para receber as crianças. Estavam à disposição: canetinhas, lápis de cor, giz de cera, lápis nº 2, borrachas e folha A4 com gramatura 180mg.

A solicitação para eles era que desenhassem o piolho da forma que pensavam. Duas crianças resistiram, falando que não sabiam como era o piolho e que não sabiam desenhar, contudo, essas foram incentivadas a desenhar e aceitaram o desafio.

Nas turmas 31 e 32, as crianças ainda mostram um desenho na fase das garatujas, porém com significado para elas.

As garatujas não perdem o sentido, porém tornam-se reconhecíveis e com significados. Os desenhos ainda não são alinhados e as crianças não têm uma visão geral do que são, mas a narrativa está sempre presente nas atividades, mostrando a imaginação e criatividade, pois falam sobre os desenhos, dando uma sequência lógica a eles (Lamas e Condé, 2022, p.10).

Percebe-se que as crianças fazem associação entre o solicitado, seus pensamentos e a realidade. Relatam histórias sobre os desenhos, como mostra as imagens a seguir:

Figura 3 – Mãe e o filho do piolho desenhado por Helena



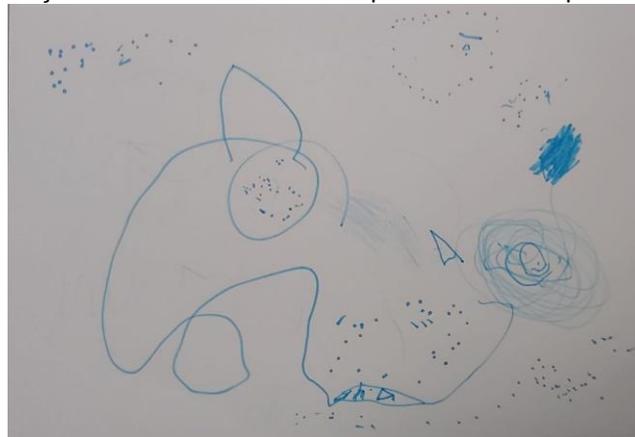
Fonte da pesquisa, 2024

Figura 4 – O pai e os filhinhos do piolho desenhado por Lana



Fonte da pesquisa, 2024

Figura 5 – A criança Rafael desenhou muitos piolhos e disse que eles são pequenos



Fonte da pesquisa, 2024

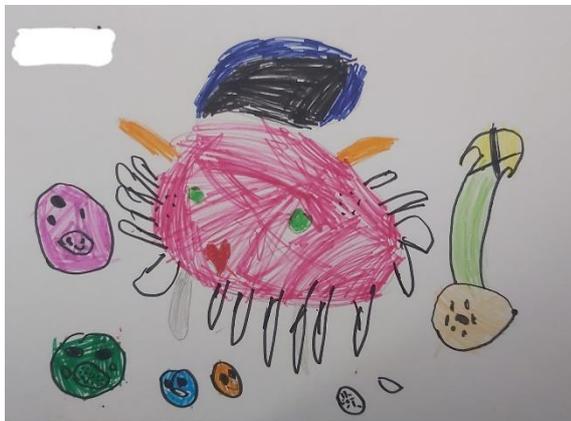
Figura 6 – A criança Fábio alegou não saber desenhar o piolho



Fonte da pesquisa, 2024

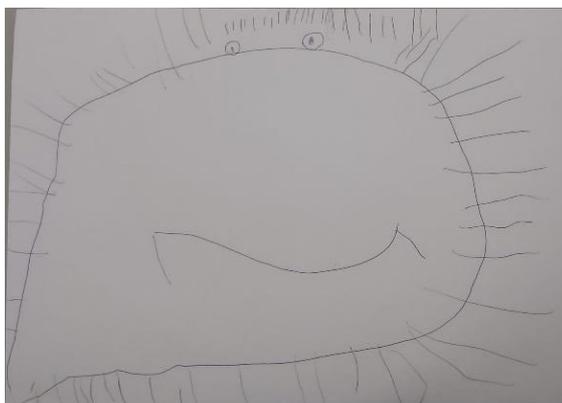
Nas turmas 41 e 42, as crianças, em sua maioria, já percebem o esquema corporal e representam o parasita com muitas pernas, coloridos, e a grande maioria desenha o piolho com suas famílias, conforme as imagens a seguir:

Figura 7 – A criança Sabrina desenhou a mãe piolho e os filhinhos



Fonte da pesquisa, 2024

Figura 8 – A criança Antônio desenhou um piolho grande.



Fonte da pesquisa, 2024

Figura 9 - A criança Elias pintou o piolho colorido, mas depois refletiu, pintou de preto e disse:
“Tia, pinte errado, ele é preto!”



Fonte da pesquisa, 2024

Através da roda de conversa onde o corpo, as expressões e as falas dizem muito sobre como as crianças elaboram seus pensamentos e os representa através das múltiplas linguagens, representadas nos desenhos, que se percebe a necessidade de ampliar o conhecimento das crianças acerca da pediculose, do ectoparasita transmissor da doença, das suas formas de reprodução e multiplicação rápida, da sua alimentação, estrutura física, de como a doença traz prejuízos à saúde e principalmente como combater com a pediculose.

É notório que a criança, apegada a sua família e tendo-a como referência de cuidados e proteção, associa a família do piolho como algo bom e querido por elas. Assim como as pessoas que as cercam como pais, mães, irmãos e avós, sendo também os que cercam o piolho de cuidados.

A BNCC (2018) ratificando o RCNEI (1998), propõe um ensino com base na investigação, onde a criança é protagonista e permanece no centro do processo de aprendizagem. À vista disso, propor a investigação científica é impulsionar a criança para conhecer o mundo, através da Ciência, por meio de espaços propiciados para pensar, explorar e vivenciar dentro da logicidade infantil.

4.2 Profissionais da educação (Professoras, EMIs e ADEBs)

Iniciou-se a pesquisa com as profissionais da educação com a roda de conversas, dividida em grupos devido a rotina cotidiana da creche, para que não fosse tirado o direito das crianças de terem garantido o atendimento pedagógico e seguro, além de não atrapalhar o educar e cuidar diário.

O primeiro grupo foi composto pelas professoras, que serão chamadas de Laura e Raquel. Conversamos sobre o objetivo da pesquisa, a importância da participação das regentes e deixou-se claro que não haveria intenção de avalia-las ou julgá-las, mas de buscar subsídio em suas práticas para conhecer e contribuir com o trabalho já realizado na creche.

As professoras preencheram o questionário estruturado, via google forms® com a finalidade da pesquisadora conhecer um pouco da história acadêmica e profissional de cada uma. Após, foi distribuído o roteiro da entrevista escrito para que respondessem com suas concepções as perguntas elencadas sem que uma profissional intervisse na opinião da outra. Só depois deste preenchimento, a entrevista foi realizada com o diálogo, troca de conhecimento e saberes com as

percepções de cada educadora acerca do tema proposto. A entrevista foi gravada em áudio para que não se perdesse os detalhes e a riqueza do que foi compartilhado. Esse procedimento também foi realizado com as demais profissionais, a saber EMIs e ADEBs.

A primeira pergunta pautada foi: Da sua infância para os dias atuais, mudou alguma coisa?

As mudanças tecnológicas, que ocorrem de modo cada vez mais acelerado. O uso de tela pelas crianças de hoje, o smartphone, muitas vezes sem a mediação do adulto. (Professora Raquel)

Sim, na minha infância brincávamos em rua, subíamos em árvores. Na infância atual, as crianças ficam focadas em telas. (Professora Laura)

As respostas das professoras foram parecidas quando citaram as mudanças na tecnologia e o uso de telas como uma preocupação no cotidiano infantil como a principal brincadeira ou entretenimento.

A segunda pergunta: Qual a concepção de infância que abarca a sua prática?

Acredito na potência das crianças, que elas são curiosas, inventivas, brincates, se expressam por meio de múltiplas linguagens tendo a brincadeira como modo de produzir cultura, ler o mundo e reinventá-lo. (Professora Raquel)

Uma infância pautada nos movimentos do corpo e na construção. (Professora Laura)

As professoras concordam que as crianças eram ignoradas, mas sempre carregaram alegrias, culturas e potências. Mas o olhar para elas era diferente. Hoje é respeitada as vivências que trazem de fora da escola, em sua vida sócio familiar e são ouvidas, “ou esperamos que sejam ouvidas” reforçou a professora Raquel.

A terceira pergunta: Como é trabalhado o currículo de ciências na creche que atuam?

Por meio das brincadeiras e interações, sempre partindo das teorias provisórias/hipóteses das crianças. (Professora Raquel)

Através dos campos de experiências. (Professora Laura)

As professoras são conhecedoras da BNCC (2018), e citam a importância dos eixos estruturantes: brincadeiras e interações para trabalhar o currículo na EI. Ainda reforçam que é importante ouvir as crianças e para ampliar seu conhecimento.

A quarta pergunta: Você já ouviu falar de Educação em Saúde?

O termo em si, não. Mas a questão da saúde está presente no cotidiano da minha prática. (Professora Raquel)

Sim. (Professora Laura)

Nesse momento, houve uma interação e troca de saberes da pesquisadora com as professoras falando sobre a nomenclatura Educação em Saúde e Educação para Saúde, a professora quis saber se havia diferença prática entre as duas nomenclaturas.

A quinta e última pergunta: Se já, você acha relevante trabalhar esse tema com as crianças público alvo da EI? Por quê? Como seria sua abordagem para trabalhar esse tema?

Muito relevante! É um direito das crianças. Trazer propostas a partir das necessidades do grupo, por meio das brincadeiras. (Professora Raquel)

Sim, em razão que desde cedo a criança precisa aprender a cuidar de seu corpo. (Professora Laura)

Apesar de uma das professoras dizer não conhecer esse termo, ela relata com consciência que muitas coisas são realizadas na creche que abordam a saúde, mediante a necessidade das crianças e as observações diárias, principalmente, no contexto da creche que ingressam crianças com muitas questões de saúde, ou falta dela, devido ao baixo peso/estatura.

As professoras concordam que o caminho para trabalhar a ES é através de brincadeiras, contação de histórias e do lúdico. A professora Raquel reforçou a importância de ter a família participando desses temas com debates e palestras para caminharem junto com a Instituição de Educação Infantil. Pois, alguns conceitos e questões culturais precisam ser mudados nas famílias para ser mudado nas crianças. Corroborando, a professora Laura cita uma situação costumeira que acontece na rotina das crianças que é a ida ao banheiro e a higienização das mãos posteriormente. Fato que precisa ser reforçado pelas educadoras a todo momento, por não ser um hábito oriundo dos ensinamentos da família.

Na opinião das professoras as práticas de saúde precisam ser trabalhadas no cotidiano e não só um projeto com tempo estabelecido, mas uma conscientização constante, como práticas “naturais” que precisam fazer parte do dia a dia.

As professoras revelaram que, em sua experiência profissional, um dos maiores problemas enfrentados na educação relacionados a saúde das crianças, são

as doenças contagiosas e infectocontagiosas, entre elas: “as doenças de pele como a escabiose e a pediculose”.

Destarte, as ações de promoção a Educação em Saúde podem oportunizar o compartilhamento de saberes e a busca por soluções de variadas problemáticas enfrentada nas escolas de Educação Infantil, seja de forma profilática ou corretiva.

Essa análise se dá em comparação as contribuições das professoras, com o aporte teórico desta pesquisa e em conformidade com Vieira *et al* (2017) que fala que a ES:

Trata-se de uma iniciativa já difundida em alguns países e que vem se desenvolvendo lentamente em escolas brasileiras. A análise dos antecedentes históricos da promoção da saúde em escolas nos remete ao seu país de origem, o Canadá, no qual a partir da década de 1970, configurou as bases internacionais do ideário da escola enquanto cenário promotor de saúde (Vieira *et al*, 2017, p. 140).

O segundo ciclo de roda de conversa e entrevista foi com as EMIs que serão chamadas de Claudia e Iris, preservando os nomes reais das participantes. Essa entrevista foi gravada por áudio, além de respondida na forma escrita.

Após as explicações iniciais sobre a pesquisa, e o preenchimento do questionário no google forms®, a primeira pergunta da entrevista foi: Da sua infância para os dias atuais, mudou alguma coisa?

Sim, avanço tecnológico. (EMI Claudia)

Sim, aumento da tecnologia. Antigamente as crianças brincavam na rua, se socializava. Hoje com uso dos smartphones, tablete e etc, não se vê muito essa interação. (EMI Iris)

As EMIs reforçaram o uso excessivo de telas como a mudança mais latente na infância atual, o elas acreditam ter sido reforçadas pela violência que cerca o mundo, forçando as crianças a ficarem reclusas dentro de casa e para distraí-las são ofertados o smartphone ou outras telas.

A segunda pergunta foi: Como você percebe a infância na creche?

Na creche eles tem a oportunidade de ser criança: brincar e interagir (EMI Claudia)

Neste ambiente nota-se as diferentes infâncias. Nas brincadeiras conseguimos visualizar bem a criança e como se dá a sua infância. Isso parte muito do contexto familiar, mas na unidade, enquanto profissionais buscamos resgatar essas brincadeiras, por meio de contextos, estímulos, etc. (EMI Iris)

As profissionais reconhecem que as crianças estarem na creche é um fator positivo, respaldado nos documentos oficiais, pois nesse momento elas estão sendo estimuladas com brincadeiras para além das telas, elas são convidadas a experimentar, descobrir, interagir, brincar e tem seu direito a infância garantido. A EMI Iris usou a palavra “Infâncias”, se referindo aos diversos tipos de infâncias de acordo com o contexto que a criança está inserida. O que vai no mesmo sentido do aporte teórico desta pesquisa, onde faz-se uma linha do tempo de como era vista a infância da sociedade primitiva até os dias de hoje. Com as conquistas de direitos garantidos e principalmente o olhar de respeito ao cidadão já constituído, mesmo sendo ainda uma criança.

A terceira pergunta foi: Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia da creche?

Devido à falta de saneamento básico do bairro, percebemos muitos problemas relacionados a pele e a pediculose é frequente. Percebe-se que as famílias não eliminam os piolhos demonstrando que não estão dando devida importância. (EMI Claudia)

A dificuldade enfrentada estão na família. Que muitas das vezes quando solicitado a levar ao médico acabam não levando E a pediculose é uma dificuldade, por mais que nós profissionais alerte sobre os cuidados. Muitas das vezes a família não cuida como deveria. O que faz aumentar os casos. (EMI Iris).

A falta de saneamento básico no bairro foi registrada como uma problemática que corrobora para que haja doenças de pele de repetição, assim como a cultura de “falta de higiene”, com toalhas e roupas sujas que por mais que os profissionais trabalhem e solicitem algumas mudanças, elas percebem ser algo sócio familiar, sendo uma barreira a ser vencida e observa-se que a pediculose acaba sendo normalizada.

A quarta pergunta foi: O que você pensa quando falamos de Ensino de Ciências?

Pesquisa, experiência (EMI Claudia)

Penso que ao se tratar de Ciências na Educação Infantil, contribuiria muito nesse auxílio junto a família. Trazendo conhecimento acerca de diversos assuntos (EMI Iris)

A EMI Claudia diz que Ciências lhe remete a incentivo, pesquisa e experiências diárias, que pode permear o dia a dia onde se deve abordar temas dos mais comuns e nas diversas propostas de atividades, que podem ter formas diferentes

de serem tratadas, mas usando o concreto para que suas experiências e descobertas sejam significativas.

A quinta e última pergunta foi: Você acha importante abordar temas que envolvam a saúde e higiene, com as crianças na EI? Porque?

Sim, aprendizado e experiências relacionados ao cuidado com a saúde devem fazer parte da rotina das crianças desde cedo, pois são hábitos que aprendem e levam para a vida adulta (EMI Claudia).

Sim, é de suma importância para conhecimento das crianças e das famílias (EMI Iris).

Sobre a higiene e saúde, as profissionais acreditam que os hábitos de higiene precisam ser despertados desde a infância, pois serão interiorizados e levados para a vida adulta. O que pode ser simples e comum para nós, talvez não seja simples e comum para as famílias, que também precisam romper barreiras e aprender hábitos que não foram ensinados a eles, para promover a saúde ou evitar as doenças.

Antonovsky (1979) *apud* Valadão (2004, p.22) reforça o conceito de que na “concepção de promoção da saúde: a saúde é gerada nos ambientes em que as pessoas vivem, amam, trabalham e divertem-se”, o que ratifica a observação das EMIs sobre os hábitos de higiene (ou a falta deles), praticados pelas crianças que também são hábitos praticados por suas famílias.

A pesquisadora perguntou as EMIs, se elas já ouviram falar do termo Educação em Saúde e elas não conheciam. Apesar de ter um discurso rico, pautado nas leis vigentes e entender a importância de trabalhar com a saúde e higiene, a teoria ainda não está casando com a prática, apesar de haver uma boa prática, sendo necessário fundamentar teoricamente essa prática que já existente.

Reconhecendo a riqueza e complexidade das questões que alimentam esse debate, também de parte da educação, optou-se pela expressão “educação em saúde” para designar, genericamente, as experiências educativas organizadas com a finalidade de proporcionar oportunidades para a construção de conhecimentos teóricos e práticos em prol da saúde de pessoas e coletividades (Valadão, 2004, p.5).

Com as ADEBs, foi mais difícil conseguir reuni-las, pois são profissionais essenciais e em maior número no educar e cuidar e tirar toda a equipe de uma turma para uma entrevista necessitou de um ajuste na rotina e parceria das outras profissionais.

Após as apresentações iniciais, a pesquisadora precisou modificar a estratégia que vinha usando, pois o tempo com as profissionais seria menor, devido a ausência

de outros funcionários, necessitando de maior parceria entre os pares para que as crianças fosse assistidas com segurança.

Nesse caso, as ADEBs não preencheram o roteiro da entrevista antes da roda de conversa. Iniciamos com as perguntas e elas já davam suas considerações sobre cada pergunta. Dessa forma, a entrevista foi apenas gravada em áudio.

A primeira pergunta da entrevista foi: Da sua infância para os dias atuais, mudou alguma coisa?

As famílias são diferentes, as crianças são diferentes, o ensinamento, tudo mudou.... Antigamente as crianças não tinham muita voz, e eram mais educadas, hoje confrontam os adultos e falam sobre as leis com os pais. (ADEB Luciana)

As crianças têm menos respeito, mas os pais não têm muita iniciativa ou tempo para ensinar os filhos... E as mães estão ativas no campo de trabalho, e deixa isso por conta de outras pessoas, deixando os filhos para que outras pessoas façam isso, acho q isso tem causado muito transtorno e as crianças não obedecem. (ADEB Luize)

Em relação as crianças não obedecer, porque as mães e os pais precisam trabalhar porque a vida profissional está sendo mais focada, e aí quando chega em casa os pais querem fazer de tudo pela criança, dá o celular na mão das crianças muitas das vezes (sendo permissivo), e as crianças acabam tendo uma inteligência artificial muito cedo, vivendo muito rápido, chega na realidade na escola a gente não consegue acompanhar essa inteligência deles, eles querem jogar para fora tudo que estão vendo e aprendendo no celular e na sala de aula a gente não tem isso. E aí acaba vendo umas situações com eles, gente a minha mãe só olhava! E as vezes a criança sobe em cima da cadeira, em cima da mesa e a gente as vezes não pode segurar porque senão a criança bate na gente ou joga a cadeira na gente, e se a gente falar com eles mais alto a gente pode estar fazendo alguma coisa errada. E a gente fica assim, o que que a gente faz? A gente não sabe lhe dar com a educação que está sendo gerada ultimamente. (ADEB Marcele)

Quando você perguntou logo veio a minha infância, de criança que brincava na rua, de mato, de comidinha, de pique, hoje a gente não vê...a relação com o telefone é mais dentro de casa com o telefone, eles preferem mais ficar no telefone do que na rua. Eu vejo pelo meu sobrinho que briga com a mãe o tempo todo para ficar no telefone. A gente tira para ele podem brincar com os amigos. Eu brincava de comidinha na rua, na casa de uma coleguinha de barro, mas hoje em dia tá faltando isso mais. (ADEB Ester).

As ADEBs se reportaram a sua infância lembrando de programas de televisão que assistiam em horários determinados e que na hora do Jornal Nacional elas tinham que sair da sala. Uma reflexão sobre a mudança, em tão pouco tempo, das práticas da infância atua para a geração delas. Elas exporam que essa geração não consegue

nem assistir filmes na televisão porque ficam inquietos, mas ficam horas no celular com super estimulação.

As profissionais percebem que as crianças de hoje não são as mesmas de ontem em relação as preferências, devido ao meio social e a tecnologia. Elas também reportam uma dificuldade no trato e cuidado com essas crianças com infâncias tão diferentes das delas.

A segunda pergunta foi: Como você percebe a infância na creche?

Tem uma abstinência na creche, as crianças ficam ansiosas para usar o telefone que eles não usam na creche. (ADEB Ester)

Se a gente deixa o celular assim, eles pegam o celular e mexem. E sabem mexer muito bem. (ADEB Luciana)

Devido a deficiência do responsável para educar, a educação tem se tornado um terror. Um terror mesmo! Na minha opinião. E por outro lado uma tristeza, porque a gente tá ficando assim sem ter o que fazer. (ADEB Marcele)

Na minha casa é todo mundo educando, então é cada um educando de um jeito, se todo mundo se juntasse e falasse vamos educar assim, e a criança fica também, né? (ADEB Luciana).

As profissionais se mostraram preocupadas com a educação, com a composição da família de hoje, com a, segundo elas, deficiência de criatividade com o papel e objetos simples do dia a dia em uma escola.

A ADEB Ester fez uma pontuação que, em sua opinião, as crianças de hoje “estão mais inteligentes, mas menos criativas”, pois percebem que antes o estímulo era mais com objetos simples: lápis de cor, papel, caneta, mas hoje os estímulos são tecnológicos e não temos isso na escola, o que em sua opinião traz uma abstinência e agitação grande as crianças na creche.

É notório que as educadoras percebem a evolução da tecnologia na vida das crianças, contudo o sistema educacional público ainda não tem o aporte tecnológico desejado, com isso a EI precisa ser bombardeada de brincadeiras e interações, para que as leis em vigor sejam cumpridas no que preconiza e para que as crianças tenham o direito de ter seus direitos cumpridos e não receberem no ambiente escolar mais do mesmo que já recebem diariamente no ambiente sócio familiar.

A terceira pergunta foi: Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia da creche? Segundo as educadoras os limites ou a falta deles é a maior problemática, pois as crianças não entendem ou não aceitam a negativa a seus desejos e colocações, além de querer que tudo seja rápido e do seu jeito. Em relação

a saúde, a falta de higiene é um agravante para a saúde das crianças porque causam inúmeras doenças.

Segundo a ADEB Luciana, na pandemia, onde tinha que ter muita higiene para poder sobreviver e pela falta de hábitos simples, como lavar a mão, causaram muitas mortes. Tudo isso pela falta de hábitos de higiene simples.

A quarta pergunta foi: O que você pensa quando falamos de Ensino de Ciências?

Pela nossa educação falar de Ciência seria a natureza, mas hoje me remete a ciência artificial, a questão tecnológica. O que veio a minha mente! Porque a gente precisa ativar isso, a gente ainda não tá nisso, está meio parado nisso. Quando fala ensino da Ciências, vem e cientificidade das coisas mesmo. (ADEB Marcele)

Antigamente tinha feira de Ciências nas escolas e isso hoje a gente quase não vê falar, tem parado isso. Eu gostava disso aí e a gente buscava mais as coisas. (ADEB Ester)

Eram experimentações que as crianças faziam e aprendiam. (ADEB Luize).

As profissionais se remetem a sua época quando pensam em Ciências e sentem falta das “experimentações, onde as crianças aprendiam”, contudo, percebem que o desejo da criança pela tecnologia tem tirado o foco de outras situações que a escola promove e oferece.

A quinta e última pergunta foi: Você acha importante abordar temas que envolvam a saúde e higiene, com as crianças na EI? Porque?

Eu acho que isso tinha que ser um projeto da EI sobre a educação de higiene, não só sobre escovar os dentes, porque já temos isso implementado na creche, mas sobre organização do espaço, porque como educadora a gente pensa: meu Deus, isso tinha que vir de casa. Lavar as mãos, organizar os brinquedos... Deveria ter palestra para os pais sobre a importância de lavar a mão, o cabelo, escovar os dentes, porque quando chegasse na creche, na pré-escola e em todo o sentido da vida, isso eles já saberiam. Educação na escola, sem uma prévia conversa com as famílias é difícil pra gente, porque não tem hábito de limpar o nariz, de tomar banho, lavar as mãos após ir ao banheiro. (ADEB Marcele).

Vou mais longe, não só os projetos, mas empenho da parte pedagógica diária, na rotina mesmo da creche, não um projeto uma vez no ano e só, mas um projeto fixo. Nossa prática mesmo, como educadora, mas diferente do que a gente faz só com projeto. (ADEB Ester).

Que seja vinculada a família (ADEB Marcele).

Partindo da gente, a criança influencia a família, há casos que você ensinando pra criança e ele leva para a casa, mas tem que partir do início, se não começar do início a criança não vai acostumar, tem que pensar: a criança de um ano está aprendendo alguma coisa? Está, temos que acreditar. (ADEB Luize).

Uma criança da turma de um ano já vai no banheiro sozinha, as meninas (educadoras da turma) falam: faz xixi e lava a mão. Então, ele faz xixi e depois coloca sabonete líquido na mão e lava a mão. Chega na sala e fala: acabou! Isso é rotina, cotidiano (ADEBs Ester e Luciana).

Outro problema é o piolho, levei minha neta no pediatra porque teve piolho, mas as pessoas pensam: porque levar ao médico por causa de piolho? Mas, precisamos cuidar e levar ao médico, tem que ser feito. As pessoas pensam que é normal ter piolho, mas para as famílias se tornou normal, todo mundo tem, então é normal. Igual quando pedimos as famílias para levar ao médico, eles vêm passando mal para a creche e são medicados em casa. Isso também tem que ser trabalhado com as famílias. A higiene é muito importante. (ADEB Luciana).

Pegar o piolho é normal, a gente pega! Mas manter o piolho, acho que é falta de higiene. (ADEB Ester).

Foi importante este debate, onde elas refletiram sobre suas práticas e no que precisam avançar no ensinar de ciências, pensando pelo viés da promoção da higiene e preservação da saúde dentro do contexto da creche que atuam.

Os exemplos foram muitos dados por elas de como pode ser abordado temas no cotidiano e de como o trabalho contínuo surte efeito na educação, mesmo na mais tenra idade.

O tema pediculose foi levantado pela ADEB Luciana, e emergiu o assunto que gera preocupação das auxiliares e muitas reclamações das famílias, segundo elas, um problema em todas as turmas e em todos os anos letivos, que se “normalizou” para a comunidade local.

Ao final das entrevistas e das rodas de conversas, as professoras, EMIs e ADEBs estavam bem à vontade para expor suas opiniões e participar da pesquisa com contribuições riquíssimas que vão ao encontro das inquietações da pesquisadora, ao problema da pesquisa e ajudam a consolidar as ações do Produto Educacional.

Segundo Vieira *et al* (2017, p.138), “o conceito de educação em saúde está atrelado à melhoria da qualidade de vida e a prevenção de doenças”. Dessa forma, esse assunto é importante e relevante desde a Educação Infantil como defendido por esta pesquisa.

5. PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional (PE) elaborado a partir da dissertação do Mestrado profissional em Ensino de Ciências, intitulado “**Ilhas das Descobertas**” é um tapete pedagógico com viés investigativo, que aborda o tema Pediculose, como forma de promover a Educação em Saúde na Educação Infantil.

O tapete educativo tem a medida de 12m² e foi impresso em lona por uma empresa contratada pela pesquisadora. Ele possui três ilhas, um oceano e um continente chamado Saúde.

Figura 10 – *Layout do Produto Educacional*



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O produto educacional, foi pensado a partir do problema da pesquisa, do público alvo (crianças de três e quatro anos e os responsáveis), da perspectiva de contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico para reflexão de uma possível solução para o problema de pediculose vivenciado na educação infantil, através da Educação em Saúde, respeitando os eixos norteadores da EI segundo a

BNCC (Brasil, 2017) e leis vigentes, que são as interações e a brincadeira, assim como a possibilidade de aproximar a cultura científica do cotidiano da criança.

Dentro da temática proposta “Pediculose”, desenvolve-se uma abordagem de investigação científica a partir da coleta de dados realizada, da curiosidade dos participantes, instigada pelo pesquisador, para conhecimento de situações que podem afetar a saúde e causar doenças, assim como situações que sejam benéficas a saúde.

Em cada ilha aconteceu uma investigação que partiu de perguntas norteadoras colocadas para as crianças pensarem, elaborarem as respostas e chegarem as suas concepções através das investigações e subsídios oferecidos.

Figura11 – Ilha 1 do PE



Fonte: da pesquisa, 2024

Figura 12 – Qual desses é o piolho?



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 13 – O que o piolho pode causar?



Fonte: da pesquisa, 2024.

Na ilha 1 acontece a descoberta do tema da investigação do PE através da primeira pergunta norteadora: Vamos falar de um bichinho que fica na cabeça, ele faz a cabeça coçar, o que pode ser?

Nessa ilha, foram organizados: um envelope com a pergunta qual desses é o piolho? Dentro do envelope continham quatro imagens de insetos conhecido das crianças, a saber: borboleta, mosca, abelha e piolho. Outro envelope com a pergunta: O que o piolho pode causar? Dentro continha quatro imagens de crianças com infestação de piolhos e com machucados na cabeça. Quatro lupas e dois potes transparentes com piolhos reais para observação.

O objetivo dessa ilha era: i) descobrir o piolho como um parasita que afeta a saúde das crianças e pode provocar doenças, ii) fazê-los pensar qual seria o piolho entre outros insetos, visto na coleta de dados e desenho do piolho esse parasita ainda não ter sua estrutura corpórea conhecida pela maioria das crianças, iii) com a ajuda da lupa (lente de aumento), observar as características físicas do piolho como: tamanho, cor, número de patas, avaliação se tem asas e outros observados pelas crianças.

Figura 14 – Ilha 2 do PE



Fonte: Dados da pesquisa,2024

Figura 15 – O que o piolho come?



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 16 – Lêndeas



Fonte: da pesquisa, 2024.

Na ilha 2 estavam expostos: um envelope com a pergunta: O que o piolho come? E dentro do envelope continham imagens de possíveis alimentos (frango assado, comida no prato, cabelo, pizza, copo de suco, macarrão) ingeridos pelo piolho relatados pelas crianças na coleta de dados. Outro envelope com a legenda “Lêndeas” e dentro continha 3 figuras: piolho x lêndea para identificação e crianças com lêndeas na cabeça. Um *tablet* para exibição de animação na plataforma YouTube sobre o tema e um tubete com álcool e lêndeas reais para observação das crianças.

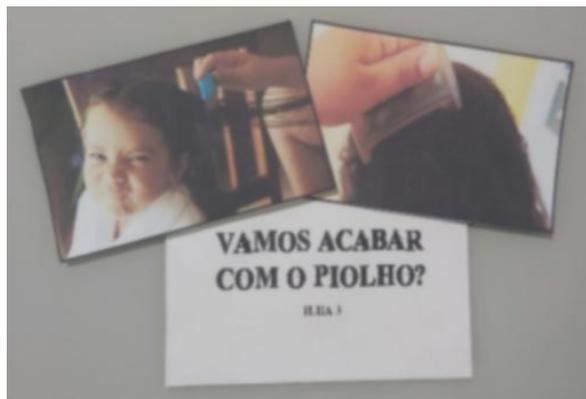
O objetivo dessa ilha era: i) identificar a real alimentação do parasita; ii) perceber a lêndea como ovos e suas características físicas; iii) perceber a diferença entre piolho e lêndea.

Figura 17 – Ilha 3 do PE



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Figura 18 – Vamos acabar com o piolho?



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 19 – Boneca 1 com piolho



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 20 – Boneca 2 com piolho



Fonte: da pesquisa, 2024.

Na ilha 3 continha: um baú do pirata com embalagens de produtos de higiene e cuidados (creme dental, creme de pés, desodorante, escova de dente, enxaguante bucal, protetor solar e três pentes finos), um envelope com a descrição: Como acabar com o piolho? E duas bonecas com piolhos (impressos) presos aos cabelos para serem removidos pelas crianças.

O objetivo dessa ilha foi: i) perceber que as bonecas estavam com piolhos; ii) refletir no que pode acabar com o piolho; iii) retirar o piolho das bonecas com a ajuda do pente fino.

Após todas as descobertas a criança estavam apta a chegar no Continente Saúde. A passagem de uma ilha para a outra até chegar ao continente se dava com o uso de uma corda, onde além das descobertas as crianças tinham que tomar

cuidado para não cair no oceano, seguindo as instruções de jogar a corda e caminhar por cima dela até o próximo destino.

Ao chegar no continente Saúde, após a comemoração, houve uma reflexão das aprendizagens do jogo investigativo “Ilhas das descobertas”.

5.1 Aplicação do Produto Educacional “Ilhas das descobertas”

As crianças foram divididas por turma e em pequenos grupos de três para que todas pudessem ter o seu tempo de investigação, para serem ouvidas e terem a atenção da pesquisadora. Essa etapa foi filmada.

A aplicação do produto foi feita na praça em frente a creche, em um espaço mais silencioso, coberto e seguro. É importante ressaltar que todas as crianças possuem autorização para realizar atividades externas na praça.

A porteira e as auxiliares de secretaria ajudaram atravessando as crianças e levando para o espaço arrumado com intencionalidade para recebe-las. Ao avistarem o tapete educativo, com todos os convites de descobertas organizados, elas logo se empolgavam e queriam mexer, subir e perguntar, mas eram convidadas, no primeiro momento, para receber as instruções do jogo que eram: tomar cuidado para não cair no oceano, atravessar as ilhas apenas de corda e investigar para descobrir os mistérios que estavam escondidos em cada ilha até chega no Continente Saúde.

Os primeiros grupos foram das turmas de quatro anos e logo após os de três anos. Todos eram convidados a pular na ilha 1 e começar a desvendar os mistérios. A pergunta norteadora sempre era a mesma: O que pode estar na cabeça quando ela está coçando muito?

Diante dessa primeira pergunta começavam as dúvidas, falas engraçadas, descobertas e investigações que chamaram a atenção, principalmente porque as crianças estavam fascinadas com a lupa, querendo olhar tudo que tinha no jogo além das formigas que passavam, folhas caídas, papel que voava com o vento, insetos passantes e outros que percebiam no entorno de onde o jogo estava organizado.

Na ilha 1, após a pergunta inicial, rapidamente souberam a resposta para a pergunta norteadora, mas tiveram dificuldades em descobrir qual das figuras era o piolho e até em identificar os outros insetos apresentados, mostrando que não tinham familiaridade com imagens reais de insetos como mosca e abelha, já o piolho foi o

mais difícil de descobrirem, sendo sempre necessário usarmos a eliminação dos outros insetos para descobrirem.

Figura 21 – Descoberta qual desses é o piolho?



Fonte: da pesquisa, 2024

Figura 22 – Investigação das características físicas do piolho na ilha 1.



Fonte: da pesquisa, 2024

Figura 23 – Observação com lupa 1



Fonte: da pesquisa, 2024

Figura 24 –Observação com lupa 2



Fonte: da pesquisa, 2024.

Logo que descobriam o piolho entre os outros insetos, eles eram indagados se já haviam visto um piolho de verdade. A maioria das crianças disseram não ter visto um piolho real e a pesquisadora disponibilizou dois potes transparentes com inúmeros piolhos colados com fita adesiva em suas laterais para que ficassem fixos e assim pudesse ser manuseado e observado com maior precisão.

Figura 25 –Observação dos recipientes com piolho



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 26 –Observação dos piolhos com lupa



Fonte: da pesquisa, 2024.

As surpresas foram grandes, algumas crianças achavam que o piolho era grande e foram levadas a pensar que se ele fosse grande como seria estarem na nossa cabeça.

Muitas falas relevantes, que mostram a reflexão das crianças ao conhecimento científico que estavam sendo proporcionado acerca das características do piolho.

Ele parece um caranguejo. (Criança de 4 anos).

Isso é um monstro! (Criança de 4 anos).

Misericórdia! Não quero esse bicho na minha cabeça! (Criança de 4 anos).

Ele é muito horrível! (Criança de 3 anos).

Eu não tenho piolho, mas minha irmã tem, vou falar com ela. (Criança de 3 anos).

Tia, eu posso levar pra mostra pra minha mãe? (Criança de 3 anos)

Onde você pegou esses piolhos? Na cabeça da criança? Qual criança? Me fala, tia! Quero saber! (Criança de 4 anos)

Minha mãe disse que eu sou piolhenta! (Criança de 3 anos).

Eu não tenho pilho! – Falou coçando a cabeça discretamente e com fisionomia de assustada. (Criança de 4 anos)

O piolho tem garra? Ele gruda na cabeça com a garra? Isso aqui na pata é garra? (Criança de 4 anos)

Nesse contexto de inúmeras perguntas, as crianças foram levadas a reflexão do que estava sendo perguntado pelo colega e a pesquisadora sempre retornava ao grupo com a pergunta: o que vocês acham? Sem respostas diretas, mas buscando

nas próprias crianças suas concepções sobre a assunto, proporcionando possibilidades de respostas pensadas por eles e o protagonismo em suas descobertas, conforme preconiza a lei que rege a EI.

Ainda nessa ilha, outra pergunta foi realizada: O que o piolho pode causar? As figuras eram de cabeças de crianças com infestação de pediculose e com machucados que são causados pela coceira. Nesse momento, foi explicado que se o a cabeça estiver machucada, a mosca pode pousar e colocar os ovos que viram bichinhos causando uma doença chamada miíase que pode ser muito perigosa. As crianças observaram as figuras com a lupa, achavam piolhos nas cabeças das crianças e se assustavam com a infestação.

A pergunta de transição para a ilha 2 foi: Vamos descobrir o que o piolho come? Dessa forma, a corda era lançada por uma das crianças para a outra ilha e todos passavam por cima para não caírem no oceano. Interessante registrar que a mente da criança é fantástica, pois a brincadeira se tornou séria e teve criança com medo de passar pela corda e cair, sendo necessário ter o apoio da educadora para se sentir segura em fazer a travessia.

Figura 27 –Travessia entre as ilhas com corda



Fonte: da pesquisa, 2024.

Ao chegar na ilha 2, o envelope com a pergunta: o que o piolho come?, foi aberto e as figuras das possibilidades levantadas pelas crianças na coleta de dados foram expostas para um diálogo que foi respondida pelo vídeo de animação da plataforma YouTube, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IGzDXvqRsdQ>. Essa animação infantil apresentada do minuto 0:00 até 1:10, traz de forma bem lúdica uma explicação sobre a reprodução, colocação dos ovos (lêndea), porque esses ovos ficam grudados no fio do cabelo, o nascimento do piolho, sua alimentação e tempo de vida com uma linguagem acessível para a faixa etária.

Figura 28 –Apresentação da vídeo animação no tablet



Fonte: da pesquisa, 2024

Com o termino da animação, a conversa era sobre os temas abordados no vídeo e a análise se as crianças haviam entendido. Claramente, a animação foi um sucesso, algumas crianças pediam para ver novamente, sendo bem positivo e o conhecimento apreendido. Algumas falas foram bem marcantes nessa ilha.

Ele come sangue! Eca! (Crianças de 3 anos).

O piolho não come pizza e refrigerante, ele come sangue (Crianças de 3 anos).

Ele come sangue. Outra ilha, outra ilha! (Crianças de 3 anos)

Deixa eu ver se você tem piolho, tia! Colocando uma lupa para observar a cabeça da pesquisadora. (Crianças de 4 anos).

Ele pica, pica e pica! – fazendo gestos de beliscos na cabeça. (Crianças de 3 anos).

A babinha dele entra na cabeça das criança. (Crianças de 4 anos).
O ovinho fica grudado porque tem uma cola nele – se referindo a lêndea. (Crianças de 4 anos).

Deixa eu ver se você tem piolho? Ah, não! É só pelinha - Se reportando ao colega do lado e olhando com a lupa sua cabeça.. (Criança de 3 anos)

Nessa ilha aconteceu um fato inusitado, a criança “L” de quatro anos, muito falante, chegou na primeira ilha e logo se justificou que não tinha piolho, todavia coçava bastante a cabeça durante todo o jogo. Após a exibição do vídeo, ela começou a chorar desesperadamente coçando a cabeça como se desejasse tirar alguma coisa. Ela falava mais não a compreendíamos. A pesquisadora percebeu que a criança ficou desesperada pelo fato de aprender que o piolho suga o sangue e por entender que estava com o parasita em sua cabeça. Foi um momento delicado de conversa para acalmá-la e acolher sua preocupação em estar com o parasita sugando seu sangue. Ao final da conversa, bem mais calma, ela foi assegurada de que aprenderia o que teria que fazer para tirar o parasita da sua cabeça e que depois ensinaria a sua família.

Na ilha 2 as crianças foram convidadas a observar as lêmbeas reais que estavam dentro de um tubete com álcool 70%, com o auxílio da lupa que estava com cada uma das crianças desde a ilha 1. Abriam o envelope que estava com a identificação “Lêmbeas” para descobrir figuras de cabeças de crianças com infestação de lêmbeas, que também com a lupa eles foram desafiados a achar as lêmbeas em cada imagem e mostrar a pesquisadora. O último desafio da ilha foi observar uma das figuras e descobrir qual era a lêmbea e qual era o piolho.

Figura 29 –Observação com lupa das lêmbeas



Fonte: da pesquisa, 2024

A pergunta de transição para a ilha 3 foi: Agora que já descobrimos muitas coisas sobre o piolho, quem quer descobrir como acabar com esse bichinho? Dessa forma, a corda era lançada e partíamos para mais descobertas na próxima ilha.

A última ilha antes do nosso destino revelava o maior de todos os segredos, que estava guardado no baú do pirata e respondia à pergunta: Como acabar com o piolho? Mas ao chegar nessa ilha as crianças se depararam com duas bonecas infestadas de piolho e nossa missão era tirar todos os piolhos para que elas ficassem saudáveis e nossa missão pudesse ser bem-sucedida. Mas para isso, teriam que abrir o baú e descobrir o que tinha lá que seria capaz de ajudar nessa missão. Dentro do baú continha: creme dental, escova de dente, enxaguante bucal, protetor solar, creme de pés e três pentes finos.

A maioria das crianças descobriu o pente fino logo que abriu o baú, outras ficaram observando tudo que tinha, perguntaram o que eram os objetos que não conheciam, mas sempre tinha uma criança no grupo que falava que o pente fino era usado para tirar o piolho. Dessa forma as crianças foram convidadas a retirar o piolho das bonecas e colocar em um pote levado para armazená-los.

Figura 30 –Catação de piolho



Fonte: da pesquisa, 2024.

Figura 31 –Trabalho em parceria para acabar com o piolho



Fonte: da pesquisa, 2024

Mais um fato relevante, pois sabemos que as crianças reproduzem suas vivências, foi a criança “G”, que ao pegar a boneca com piolho lhe disse como se fosse sua mãe, tratando a boneca como sua filha: “Vem aqui, filha! Tá cheia de piolho! Pegou piolho dos teus amigos, é? Não fica chorando, fica queta! Para de se mexer... Paraaaaaa, não fica chorando, senão vô te bater!”. Esse diálogo da criança com a boneca mostra a familiaridade da criança com a catação de piolho, seja nela ou em alguém próximo, pois fez o uso correto do pente fino e ainda matava o piolho apertando entre os dedos, prática comum nas famílias.

A alegria nessa proposta foi notória e ao deixar as crianças interagirem e praticarem o que foi solicitado, as expressões foram variadas quando achavam os piolhos na cabeça das bonecas:

Tia, nesse baú tem remédio de piolho? (Criança 4 anos).

Achei, acheeeeeei! Achei mais um. (Crianças de 4 anos).

Aqui, encontrei, tia! (Crianças de 4 anos).

Você não vai escapar não, piolho velho! (Criança de 4 anos).

Tia, quando eu acabar de tirar os piolho dela eu posso fazer um penteado nela? (Criança de 3 anos).

Eu não quero pegar no piolho – relatou a criança “T” com medo de encostar na imagem impressa do piolho, fechando a mão e escondendo atrás das costas. (Crianças de 3 anos).

Ela tá cheia de piolho, tem que tirar tudo, né tia? (Crianças de 3 anos).

Ele tá fugindo, não deixa ele fugir! Ele vai cair no oceano! (Crianças de 4 anos).

O piolho já tava chupando o sangue dela. (Criança de 4 anos).

Encontrei, encontrei outro piolho, vou tirar todos eles! (Crianças de 3 anos).

Olha, ainda não acabou, achei um escondido, se ele ficar na cabeça vai botar mais ovinhos e vai ficar com mais piolho. Tem que tirar tudo, né tia? – Frase usada pela pesquisadora no início na conversa nessa ilha. (Crianças de 4 anos).

O piolho se esconde porque ele não quer sair do nosso cabelo, ele quer comer sangue. Sai bicho feio! (Criança 4 anos).

No término da catação, as crianças foram parabenizadas pela conclusão da missão e refletiram que se não tem doença, por terem tirado todos os piolhos, agora tem-se Saúde e a corda foi lançada para o Continente Saúde onde comemoraram bastante com frases do tipo “Oba, eu venci!”, “Ganhamos!”, “Saúde! Saúde!”.

Na conclusão da aplicação do produto educacional, as crianças sentaram no continente Saúde, conversaram sobre suas aprendizagens nas ilhas e cada grupo de crianças pode expressar o que aprendeu e todos se comprometeram a ensinar aos seus familiares as descobertas sobre o piolho.

A alegria com que retornavam para o espaço da creche, falando sobre o assunto abordado, mostra que aprendizagem através das brincadeiras e interações são significativas para as crianças.

Compreender a importância das interações e brincadeiras, eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil, discutidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e pela Base Nacional Comum Curricular, torna-se fundamental quando entendemos a essencialidade desses elementos de forma integrada na prática pedagógica (De Oliveira *et al*, 2024, p.86).

Dessa forma, a abordagem do PE além de propor uma investigação científica, de aproximar a cultura científica ao cotidiano da criança, de evidenciar a importância do protagonismo e da escuta ativa das crianças na construção de suas aprendizagens, também vai ao encontro do que preconiza a BNCC (2017), que são os direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Com o entendimento de que a escola de Educação Infantil não é o único lugar onde ocorrem as aprendizagens das crianças e que a educação acontece em espaços e tempos diversos devido ao fator social, familiar, cultural e geográfico que a criança

está inserida, que era de suma importância que as famílias também participassem do jogo com suas crianças.

O convite aos responsáveis foi realizado na reunião de pais de outubro/2024, com a explicação do objetivo da pesquisa e deixando bem claro como seria a participação das famílias no jogo educativo junto com seus filhos, onde foi reforçado que participação da família na vida escolar é importante para o pleno desenvolvimento da criança, que se sente segura e amada por seus pais e responsáveis. Neste dia foram assinados os TCLEs pelos responsáveis.

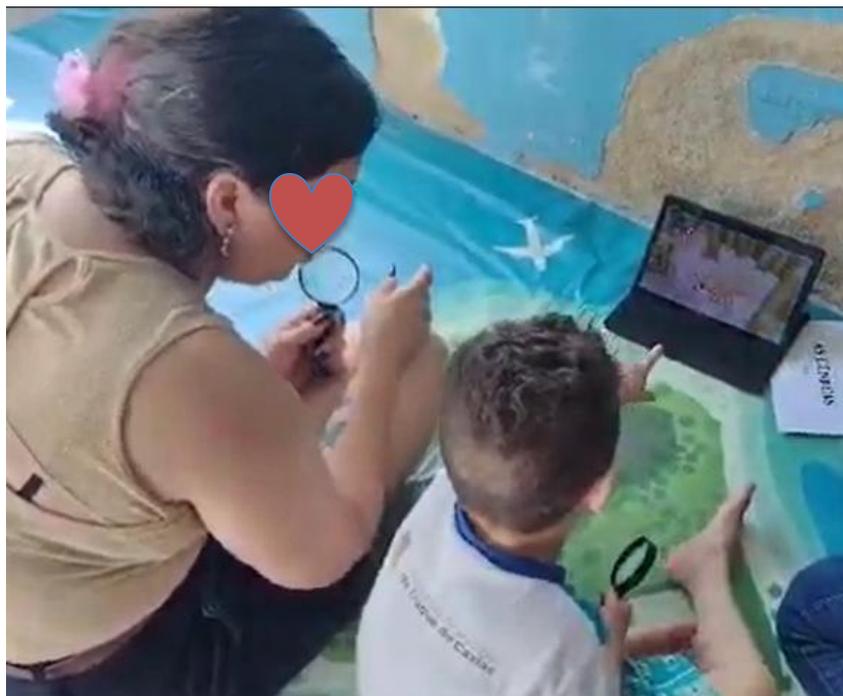
Outro convite foi realizado pela equipe diretiva no grupo do aplicativo Whatsapp de cada turma participante em novembro/2024, porém mais uma vez não tivemos a presença das famílias no dia agendado.

Mais uma tentativa da participação das famílias no PE foi uma conversa no portão da creche, na saída das crianças, em novembro/2024, sobre a pesquisa e reforçando mais um convite para a participação. Nesse momento obteve-se um retorno bem positivo, pois as famílias já estavam cientes do que estava sendo desenvolvido, e relataram que estavam sabendo bombardeadas pelas crianças com perguntas e explicações sobre o piolho. Muitas relataram que as crianças contaram que tiraram piolho das bonecas, que o piolho se alimenta de sangue, que ele bota ovos, que ele não voa porque não tem asas e tantas outras falas importantes que reforçam uma aprendizagem concreta e real sobre o tema, que foram para além dos muros da escola.

Contudo, mais uma vez, o convite às famílias não obteve sucesso! Apenas uma mãe compareceu no dia marcado para participar do PE com seu filho. A mãe que chamaremos de Regina, para preservar seu nome real, foi bem solícita e explicou não ter ido antes por questões de saúde da criança.

Regina participou ativamente de todo o processo de construção com seu filho demonstrando empolgação a aprendizagem que ele estava adquirindo, envolveu-se e ajudou a criança a pensar nas propostas de cada ilha.

Figura 32 – Participação da mãe com seu filho



Fonte: da pesquisa, 2024

Entretanto a mãe percebeu um piolho andando na cabeça de sua criança. Neste momento, ela ficou bem constrangida e apresentou a justificativa que precisava cortar mais o cabelo da criança. Após esse fato a mãe relata ter tido problemas com piolho em outros momentos com o filho matriculado na creche e o com outro de treze anos que também já foi aluno da mesma instituição.

Essa participação da família com a criança foi registrada em vídeo e consta no acervo da pesquisadora.

Diante do fato, supõe-se que a dificuldade das famílias em participarem se dá devido ao tema ser constrangedor, um tabu a ser rompido, e por as crianças poderem expor as famílias em algum momento com colocações intimistas do seio familiar. Outra análise feita pela pesquisadora é de ainda ter muitos mitos sobre o tema pediculose que precisam ser desmistificados pela comunidade escolar, principalmente o fato de pensarem que ter piolho é falta lavar e cuidar dos cabelos o que causaria constrangimento as famílias em participar da aplicação do PE e a criança relatar que

em piolho ou que alguém da família tem piolho, como aconteceu na roda de conversa e na aplicação do PE com as crianças.

6. VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção apresentamos informações sobre o processo de validação pedagógica do Produto Educacional “Ilhas das Descobertas”, resultados e discussões das entrevistas realizadas com as professoras, ADEBs e EMIs.

6.1 Metodologia de validação do Produto Educacional

A validação é um importante instrumento de avaliação que garante a eficácia e qualidade do PE, para que assim ele seja com colaborador no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dessa premissa, a validação do Produto Educacional “**Ilha das Descobertas**” aconteceu em duas etapas no mês de dezembro/2024. A primeira etapa aconteceu com as professoras e auxiliares acompanhando as crianças, sempre em revezamento para que as outras crianças continuassem com suas rotinas diárias de educar e cuidar normalmente, visto a aplicação do produto ter sido feita em pequenos grupos. A segunda etapa foi através de entrevistas escritas com perguntas enviadas via Google Forms® para as ADEBs e EMIs e para as professoras a entrevista foi escrita, porém em formulário entregue fisicamente.

A princípio a entrevista foi planejada ser de forma presencial, mas essa mudança na entrevista de validação se deu devido a Instituição ter passado por um momento delicado com muitas ausências de funcionários por questões de saúde, transferência e por solicitação de desligamento da empresa. O que inviabilizou que os funcionários saíssem de seus setores de trabalho, por estarem com um número reduzido de profissionais. Dessa forma, a solução encontrada foi solicitar o preenchimento da entrevista por escrito. Com as professoras ainda foi possível ser de forma física, mas com as ADEBs que ficam a maior parte do tempo com as crianças, precisou ser *on line*, para que pudessem preencher em um momento oportuno.

O contexto de validação da pesquisa foi o mesmo *locus* da pesquisa, uma creche municipal no quarto distrito do município de Duque de Caxias-RJ. Assim com as participantes da validação foram as mesmas professoras, EMIs e ADEBs das turmas de três e quatro anos, apresentadas anteriormente.

Nessa etapa participaram duas professoras, duas EMIs e quatro ADEBs, sendo um total de oito participantes.

No roteiro da entrevista para as professoras continham seis perguntas a saber:

1) Aponte com poucas palavras sua impressão a respeito do jogo “Ilhas das descobertas

2) É possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto a respeito de Educação em Saúde, abordando o tema pediculose? Por quê?

3) É possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto que trate de outros temas relevantes de Educação em Saúde, usando o formato do jogo e adequando ou mudando as investigações propostas nas ilhas, com o mesmo objetivo de proporcionar as crianças conhecimento para promover a saúde? Por quê?

4) Os conteúdos abordados no jogo estão de acordo com o currículo proposto para a Educação Infantil?

5) O jogo respeita os eixos estruturantes da EI, brincadeiras e interações, conforme preconiza leis vigentes? Como você percebe a ausência ou presença dos eixos no jogo?

6) Há algo que você mudaria no jogo?

No roteiro da entrevista das auxiliares, EMIs e ADEBs, continham três perguntas:

1) O que você achou do jogo “Ilha das Descobertas”?

2) Você acha que o jogo pode contribuir para o conhecimento e a promoção da higiene e saúde das crianças? Por quê?

3) Há algo que você mudaria no jogo?

A análise dos dados desta validação seguiu a mesma linha da pesquisa, através da ALI por permitir a pesquisadora uma liberdade criativa na exposição das vivências atreladas ao embasamento teórico descrito neste estudo, assim como uma análise mais autoral e menos engessada.

6.2 Resultados e Discussões da validação do Produto Educacional

A aplicação da validação foi importantíssima como instrumento de avaliação onde as profissionais de educação tiveram a liberdade de cooperar de forma sincera e sem nenhuma interferência da pesquisadora, para que o PE pudesse ser analisado com a finalidade de favorecer a prática pedagógica e alinhar prática a teoria no cotidiano da EI.

Como já mencionado, a Instituição de Ensino passou um momento difícil com a ausência de alguns funcionários, fato que mexeu com toda a estrutura da rotina onde

todos são importantes e a quantidade de funcionário é de extrema relevância para garantir a segurança e o fazer pedagógico. Desta forma, foi necessário repensar a validação, pois a pesquisa não poderia ser mais um agravante na rotina, visto o maior objetivo ser contribuir com a prática pedagógica.

As professoras foram bem solícitas em preencher a entrevista escrita que avaliou o PE em vários aspectos. A seguir, a resposta das participantes foram: 1) Aponte em poucas palavras a sua impressão a respeito do Jogo “Ilha das descobertas”.

Penso que seja um jogo interessante, que “prende” o interesse das crianças e permitiu que os mesmos construíssem aprendizagens de modo prazeroso/lúdico. (Professora Raquel)

Um jogo interativo e criativo. No qual a criança aprende de forma lúdica sobre a pediculose e os atos de cuidado para combater. (Professora Laura)

Na pergunta 2, É possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto a respeito de Educação em Saúde, abordando o tema pediculose? Porque? As respostas foram:

Sim, creio que seja possível, pois está dentro do que se espera para crianças na Educação Infantil, abordando um tema pertinente, porém, de maneira brincante, por meio de uma proposta lúdica. (Professora Raquel).

Sim, porque as crianças prendem brincando. (Professora Laura).

Na pergunta 3, é possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto que trate de outros temas relevantes de Educação em Saúde, usando o formato do jogo e adequando ou mudando as investigações propostas nas ilhas, com o mesmo objetivo de proporcionar as crianças conhecimento para promover a saúde? Por que?.

Os registros das respostas foram:

Sim, é possível! Pode ser abordado temas como higiene pessoal (lavar as mãos, escovação de dentes), abordar questões referentes a água (ou a falta dela) no bairro, dentre outros. (Professora Raquel).

Sim, através da Ilha das Descobertas podemos abordar diversos temas, como exemplo, hábitos de higiene. Disponibilizando em cada Ilha um hábito de higiene diferente. (Professora Laura).

Na pergunta 4, os conteúdos abordados no jogo estão de acordo com o currículo proposto para a Educação Infantil? As professoras responderam da seguinte forma:

Sim, estão! As propostas são trazidas de, digo, por meio de brincadeiras e interações entre as crianças e seus pares, trazendo temáticas pertinentes inclusive dentro da comunidade escolar. (Professora Raquel).

Sim, as crianças vivenciam experiências investigando a pediculose e descobrindo novos saberes. (Professora Laura).

Já na pergunta 5, o jogo respeita os eixos estruturantes da EI, brincadeiras e interações, conforme preconiza leis vigentes? Como você percebe a ausência ou presença dos eixos no jogo?. Nessa pergunta as professoras responderam assim:

Sim, Respeita! No sentido de que o tema abordado por meio do jogo permite que as crianças explorem materiais/objetos, interajam umas com as outras e com o professor e aprendam (ou construam aprendizagens) por meio de brincadeiras e não de uma forma mecanizada e sem significado para elas. (Professora Raquel).

Sim, as crianças participam de forma integral do jogo. Brincam e exploram cada ilha. (Professora Laura).

Na última pergunta, há algo que você mudaria no jogo? As respostas foram unânimes:

Não, creio que está completo e pode ser acrescentado materiais/objetos para as pesquisas/brincadeiras de acordo com o tema abordado. (Professora Raquel).

Não. (Professora Laura).

Ao analisar as respostas das professoras, percebe-se que o PE contempla os eixos estruturantes que determina a lei, a saber: as interações e brincadeiras, mostra-se um jogo que conseguiu manter a atenção das crianças, respeita os direitos de aprendizagem e é replicável com outros temas que abordem a Ciência e a investigação, podendo ser acrescentados objetos de acordo com várias outras propostas e temáticas, onde as ilhas continuarão sendo de descobertas e uma proposta brincante que contribui para o desenvolvimento integral da criança, corroborando com a BNCC (2017).

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2017, p. 38).

Com as EMIs e ADEBs a entrevista se deu com as seguintes perguntas e respostas. 1) O que você achou do jogo “Ilhas das descobertas”?

Incrível, pois descobrir informações que não tinha conhecimento, e no jogo as crianças tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre o porco. (ADEB Ester).

O jogo foi interessante pelo fato de possibilitar a investigação por partes das crianças. (ADEB Marcele).

Complexo. Bem explicativo para as crianças, aonde descobrimos várias coisas sobre o piolho. (ADEB Luize)

Excelente, aonde descobrimos várias coisas sobre o piolho. (ADEB Luciana)

Muito interessante, por trabalhar de forma lúdica o tema da pediculose. (EMI Claudia).

Excelente. Achei uma estratégia maravilhosa. (EMI Iris).

Na pergunta 2, Você acha que o jogo pode contribuir para o conhecimento e a promoção da higiene e saúde das crianças? Porque?. As auxiliares responderam da seguinte forma:

Sim, porque no jogo as crianças descobriram que o piolho pode fazer na cabeça de cada uma delas, podendo assim contar as seus responsáveis sobre o que aprenderam. (ADEB Ester).

A forma lúdica de abordar um tema constrangedor, fez com que as crianças participassem com entusiasmo, aprendendo o conteúdo proposto. (ADEB Marcele).

Sim, através do jogo, as crianças tiveram o real conhecimento de como a transmissão acontece. Do que o piolho se alimenta, e a forma correta de como eliminá-los. (ADEB Luciana).

Acho que sim. Porque deixa as crianças alertas para estarem passando até para seus responsáveis. (ADEB Luize).

Sim, porque no jogo as crianças descobriram que o piolho pode fazer na cabeça de cada uma delas, podendo assim contar as seus responsáveis sobre o que aprenderam. (ADEB Luciana).

Sim, tudo que é vivenciado de forma lúdica e concreta faz muita diferença no processo de ensino aprendizagem. Com a vivência no jogo as crianças além de aprender vão compartilhar suas experiências com responsáveis e amigos (EMI Claudia).

Sim, pois no momento que realizaram o jogo com materiais concretos as próprias crianças tiveram a oportunidade de assimilar melhor o conhecimento. Já que eles além da explicação, puderam tocar no " objeto de estudo" (EMI Iris).

A seguir, a última pergunta para esse grupo de profissionais. Há algo que você mudaria no jogo? E as respostas:

Não, eu amei a experiência. (ADEB Ester).

Fiquei entretida com os piolhos no pote, e as crianças passando na corda com cuidado para não se molhar. Não mudaria nada no jogo proposto. Ainda sugiro que essa atividade seja feita com responsáveis para abordar o assunto. (ADEB Marcele).

Não, um jogo completo aonde as crianças aprenderam brincando. (ADEB Luciana).

No jogo não, mas acho que seria proveitoso realizar uma amostra com cartazes, e tudo o que você fez com eles na praça, para os responsáveis estarem visitando, e as crianças com você estarem explicando a eles sobre a pediculose. (ADEB Luize)

Não, achei muito interessante. (EMI Claudia).

Não, jogo com ótimas propostas e de fácil compreensão para as crianças. (EMI Iris).

Para as EMIs e ADEBs o jogo contemplou a proposta de investigação científica e no decorrer da aplicação do jogo com as crianças, onde cada ADEB e EMI se revezou para acompanhar a um grupo participando da aplicação, percebeu-se que elas também estavam aprendendo e desmistificando mitos construídos possivelmente de sua convivência sócio-familiar, assim como as crianças. O principal mito era o fato do piolho não voar.

Para uma profissional o jogo pareceu ser complexo, acredita-se que seja por ter várias etapas ou até mesmo o fato de ter uma tecnologia envolvida na ilha 2, fato que anteriormente algumas relataram não ter muita habilidade.

Outro importante aspecto foi o fato das profissionais mais uma vez reforçarem a importância de divulgar e convidar a família a participar, ou até mesmo a possibilidade de as crianças ensinarem as suas famílias, visto a criança pequena não ter autonomia para a tarefa de eliminar a infestação de pediculose em sua cabeça.

Mais uma vez houve um consenso entre os participantes de que nada precisa ser mudado no jogo “Ilhas das Descobertas”.

Conclui-se, com base nas respostas das professoras, EMIs e ADEBs que o PE “Ilhas das Descobertas” alcançou o objetivo proposto de contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico sobre a pediculose, com vistas a promoção da Educação em Saúde, respeitando os eixos norteadores da EI que são as interações e a brincadeira, assim como a possibilidade de aproximar a cultura científica do cotidiano da criança de forma lúdica, criativa e participativa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas;
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.
(Henfil)*

Nesta pesquisa, buscou-se integrar a teoria e a prática, abordando a temática da pediculose por meio da Educação em Saúde. O objetivo foi contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, que utilizem brincadeiras e interações para promover a investigação científica. Dessa forma, as crianças têm a oportunidade de se aproximar da cultura científica de maneira lúdica e interativa, integrando-a ao seu cotidiano de aprendizagens.

Durante séculos a criança não teve a oportunidade de aprender como criança, viver como criança, brincar como criança e ter sua infância respeitada com aprendizagens proporcionadas levando em consideração que ela é um ser único e sujeito de direitos.

No decorrer da história, a criança foi sendo colocada como protagonista de suas aprendizagens e indo ao encontro dessa premissa que discutiremos a importância de dar a essa criança a possibilidade de pensar criticamente, oferecendo possibilidades de ter experiências, aprender com suas próprias percepções e na interação com o outro, de experimentar e de impregnar de sentido o seu cotidiano.

Posto isso, é importante pensar a criança e suas potencialidades, com respeito ao seu contexto social, familiar, histórico e geográfico, mas ampliando sua visão de mundo.

Esse estudo é um pontapé inicial e podemos considerar como uma semente. Pois muito ainda precisamos avançar nessa temática para desmistificar práticas e culturas que se perpetuam ao longo de anos no seio familiar das crianças e na comunidade escolar.

Também não podemos esquecer que um problema de milênios não será resolvido de forma tão simplista, mas temos que começar a olhar para a Educação em Saúde como uma grande aliada no combate a essa doença e de tantas outras que permeiam a EI.

A aplicação do Produto Educacional “Ilhas das Descobertas” foi singular, visto a participação das crianças e o envolvimento delas com cada proposta. O desejo de

conhecer e de investigar é inato da criança, visto quando oferecido a lupa, as crianças queriam “conhecer” o mundo que a cercava através dessa lente.

O despertar de um assunto tão recorrente, um problema de saúde pública sendo tratado com as crianças e a percepção que elas estavam descortinando um vasto conhecimento, é realmente significativo e prazeroso.

Ouvi-los e perceber as expressões a cada descoberta, as aflições e as alegrias, as falas de que iriam compartilhar o conhecimento, seguros com o que tinham aprendido, faz realmente com que o protagonismo desse aprendizado esteja com a criança.

Trazer a família para o contexto escolar é uma tarefa que é construída ao longo dos anos e é sempre um desafio, mas trazer a família para falar de pediculose é uma tarefa bem difícil que necessita de um maior esforço de toda a comunidade escolar e que precisa estar alinhada com conhecimento sobre o tema para não causar julgamentos e constrangimentos.

A Educação em Saúde, como abordagem da promoção de saúde e prevenção de doenças precisa ser uma prática constante nas escolas, inclusive as escolas de primeira infância, pois mesmo que seja desafiador ter as famílias envolvidas nas práticas de aprendizagem, as crianças se tornam multiplicadoras do conhecimento ao qual foram expostas. Tornando-se assim uma agente que leva a proposta pedagógica para além dos muros escolar.

A possibilidade de proporcionar as profissionais de educação um conhecimento que, aparentemente seria tão simples e comum, mostra o quanto ainda temos que aprender e deixar os mitos que começam em nós, educadoras, e nas nossas concepções prévias, que aprendemos ao longo do tempo e acabamos tendo como reais e corretos.

Notoriamente a falta de políticas públicas e a falta de integração multissetorial entre a saúde e educação sobre a temática, são agravantes no combate diário dessa doença tão comum nas escolas de educação infantil.

Ao final desta pesquisa acerca da importância de trabalhar a Educação em Saúde para promover o conhecimento sobre a Pediculose na EI, foi possível concluir que há uma necessidade em introduzir efetivamente a ES no contexto escolar de forma intencional e planejada, como parte do currículo. Principalmente com formação para os profissionais da educação, de preferência com profissionais da saúde, para

que mitos sejam rompidos e assuntos como a pediculose deixem de ser um tabu e motivo de constrangimentos ou julgamentos.

Não foi fácil trilhar esse caminho, com as inquietações iniciais versos a realidade da escola de educação infantil, como a falta de funcionários e de estrutura física para realizar a pesquisa, com poucos espaços para diálogo com as profissionais ou para realizar a aplicação do produto educacional.

Contudo, chegar ao final dessa etapa, evidencia que a recompensa vai muito além do recebimento de um título, ou dos muitos obstáculos vencidos, mas a sensação que ter lançado uma semente em cada profissional da educação, para que pensem na investigação científica como algo possível e indispensável desde a mais tenra idade.

Deseja-se que esta pesquisa proporcione prática pedagógica inovadoras e que seja uma contribuição acadêmica para que a ES componha parte importante do currículo nas escolas de Educação infantil, com a consciência que as transformações desejadas não acontecem como mágica, mas fundamentadas em um trabalho consciente, intencional e comprometido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Livros técnicos e científicos editora, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Livros técnicos e científicos editora, 2 ed. 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação**: referências – elaboração: 6023: 2002. Rio de Janeiro, 2000. 24p.

_____. **Informação e documentação**: apresentação de citações em documentos: 10520: 2002. Rio de Janeiro, 2002. 4p.

_____. **Informação e documentação**: trabalhos acadêmicos - apresentação: 14724: 2002. Rio de Janeiro, 2002. 8p.

BAIRROS DE DUQUE DE CAXIAS. In: WIKIMÉDIA COMMONS. Wikimédia, 2024. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bairros_de_Duque_de_Caxias.png. Acesso em: 15 ago 2024.

BASTOS, J. E. de S.; SOUSA, J. M. de J.; SILVA, P. M. N. da; AQUINO, R. L. de. O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios . **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences** , [S. l.], v. 5, n. 3, p. 623–636, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n3p623-636. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/304>. Acesso em: 14 dez. 2024.

Beck, C. (2016). Método Paulo Freire de alfabetização. Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>. Acesso em 07 jun.2023.

BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, n. 30, 2008.

BRASIL.; **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 jun.2023.

_____.; **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 07 jun.2023.

_____.; Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério

da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1, 2, 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____.; Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**; Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Lei nº11.274**, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário oficial da união, Brasília**, 7 fev. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 07 jun. 2023.

_____. **Lei nº12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e das outras providências. **Diário oficial da união, Brasília**, 5 abr. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 07 jun. 2023.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Revista Evidência*, v. 7, n. 7, 2012.

COSTA, Emanuelle Lourenço; SOUZA, Jane Rose Silva. Família e escola: as contribuições da participação dos responsáveis na educação infantil. **Khóra: Revista Transdisciplinar**, v. 6, n. 7, 2019.

CRUZ, Ana Maria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Estrutura e apresentação de projetos, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2007.

CUNHA, Pércide Verônica da Silva et al. O discurso dos professores sobre a transmissão de pediculose antes de uma atividade educativa. **Journal of Human Growth and Development**, v. 18, n. 3, p. 298-307, 2008.

CUNHA, Rodrigo Bastos. Alfabetização científica ou letramento científico?: interesses envolvidos nas interpretações da noção de scientific literacy. **Revista brasileira de educação**, v. 22, n. 68, p. 169-186, 2017.

DA COSTA SILVA, Gisele. O desenho da criança na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, v. 7, n. 3, p. 1117-1131, 2016.

DA SILVA FULY, Viviane Moretto. Educação infantil: da visão assistencialista à educacional. **Interfaces da educação**, v. 2, n. 6, p. 86-94, 2015. **Elaboração de referências (NBR 6023/2002)**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2007.

DE FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin et al. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, v. 2, pág. 414-430, 2019.

DE OLIVEIRA, Gislaine Rodrigues et al. Interações e brincadeiras na educação infantil: Por que é importante interagir e brincar na escola?. **Revista da UNIFEPE**, v. 1, n. 30, 2024.

DE OTTAWA, A. CARTA. A Promoção da Saúde. In: **1ª Conferência Internacional, Canadá**. 1986.

DE SOUSA, Ana Carine dos Santos et al. O desenvolvimento da atividade da “roda de conversa” em turmas de Educação Infantil. **Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional**, v. 9, n. 2, p. 73-88, 2019.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira (Ed.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2008.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Capítulo 3 Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**, p. 61, 2011.

DESLANDES, SF GOMES; MINAYO, C. S. R.(Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 2009.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 31-50.

DOS ANJOS, Maylta Brandão; RÔÇAS, Giselle; PEREIRA, Marcus Vinicius. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 3, 2019.

EXPLICATRICKS. Como acabar com piolho? YouTube, 07 de maio de 2022. 2min22s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IGzDXvqRsdQ>>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

FILHO, Aristeo Leite. RUMOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL. **Revista Teias**, [S.l.], v. 6, n. 10-11, p. 10 pgs., out. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23981/16952>>. Acesso em: 07 jun. 2023.

FONSECA, André Dione; COLARES, Anselmo Alencar; DA COSTA, Sinara Almeida. Educação infantil: história, formação e desafios. **Revista Educação & Formação**, v. 4, n. 3, p. 82-103, 2019.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FRANKOWSKI, Bárbara L.; BOCCHINI JR, Joseph A.; CONSELHO DE SAÚDE ESCOLAR E COMITÊ DE DOENÇAS INFECCIOSAS. Piolhos. **Pediatria** , v. 126, n. 2, pág. 392-403, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia (Edição especial)**. Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto. *A educação na cidade: Paulo Freire, Administrador Público. A experiência de Paulo Freire na secretaria de educação da cidade de São Paulo [1989-1991]*. 1991.

FUMAGALLI, Laura. O ensino das ciências naturais no nível fundamental da educação formal: argumentos a seu favor. In: WEISSMANN, Hilda. *Didática das Ciências Naturais: contribuições e reflexões*. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 13-31.

GARZONI, Fabiana Soares Morgado; DE CARVALHO, Vânia Gameiro. Pediculose: fatos históricos sobre a doença e a busca persistente pelo tratamento ideal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, p. e7135-e7135, 2021.

GASPERIN, Ilizete Izabel. *Campos de experiência da base nacional comum curricular (BNCC) e o ensino de ciências na educação infantil*. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** . 6. ed. Editora Atlas S.A., 2008.

GOLDSCHMIDT, Andréa Inês; LORETO, Elgion. Investigação das concepções espontâneas sobre pediculose entre pais, professores, direção e alunos de educação infantil e anos iniciais. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 2, p. 455-470, 2012.

IERVOLINO, Solange A.; PELICIONI, Maria Cecília F. Capacitação de professores para a promoção e educação em saúde na escola: relato de uma experiência. **Journal of Human Growth and Development**, v. 15, n. 2, p. 99-110, 2005.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. **Revista textos do Brasil. Brasília, Ministério das Relações Exteriores**, 1999.

KUHLMANN, Moysés. Educando a Infância Brasileira. In: LOPES, E. M. e outros. 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 469-486.

KUHLMANN JR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista brasileira de educação**, n. 14, p. 05-18, 2000.

KUHLMANN JR, Moysés; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Pedagogia e rotinas no “Jardim de Infância”. **KUHLMANN JR, Moysés.(Org. O livro é dele. Melhor colocar o nome do livro direto.). Infância e Educação Infantil. Porto Alegre: Editora Mediação**, p. 111-179, 1998.

LAMAS, Denise Rodrigues Moreira; CONDÉ, Patrícia Peluso. GARATUJAS: considerações sobre a importância da interpretação dos desenhos na Educação Infantil. 2022.

LEONELLO, Valéria Marli; L'ABBATE, Solange. Health education in schools: an approach based on the curriculum and perception of undergraduate education students. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 19, p. 149-166, 2006. MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008.

MARQUES, A. C. T. L.; MARANDINO, M. Alfabetização científica, criança e espaços de educação não formal: diálogos possíveis. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 44, p. e170831, 2018. DOI: 10.1590/s1678-4634201712170831. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143528>. Acesso em: 8 jun. 2023.

NARATO, Anita Gabriella Ferreira; PARANHOS, Ronés de Deus; GUIMARÃES, Simone Sendin Moreira. Perspectivas da história e filosofia da ciência na relação com o ensino de biologia na Educação Básica: uma análise de teses e dissertações (2000 – 2016). **Revista de Educação, Ciências e Matemática**. v.12, n.1, e6417, 2022.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; CORSINO, Patrícia; DIDONET, Vital. Educação infantil no Brasil. **Primeira etapa da educação básica. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa**, 2011.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: interseções e desafios. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 99-108, 2010.

PAGOTTI, Renata Elizabete et al. Avaliação de um programa para controle de pediculose em uma escola. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 3, n. 4, p. 76-82, 2012.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr on-line**, v. 9, n. 33, p. 78-95, 2009.

PEDRO, Karla & DOCILE, Renan & SILVA, Edvaldo & Docile, Tatiana. (2016). FREQUÊNCIA DOS CASOS DE DENGUE NOS DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE

DUQUE DE CAXIAS, RIO DE JANEIRO, BRASIL. Acta Biomedica Brasiliensia. 7. 10.18571/102.

RIZZO, Gilda. *Educação Pré-escolar*. Ed. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1988.

RIZZO, Gilda. Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, Clarissa Bohrer da et al. Atividades de educação em saúde junto ao ensino infantil: relato de experiência. **Revista de Enfermagem UFPE On Line. Recife. Vol. 11, supl. 12 (dez. 2017), p. 5455-5463**, 2017.

VALADÃO, Marina Marcos. **Saúde na Escola: um campo em busca de espaço na agenda intersetorial**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VARGAS, Guilherme Angerames Rodrigues. PRÉ-TEXTUAIS. **Revista Cultura & Extensão UNEMAT**, v. 1, n. 1, p. 1-2, 2016.

VASCONCELLOS, C. S. Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VIEIRA, Marina et al. Infância saudável: educação em saúde nas escolas. **Expressa Extensão**, v. 22, n. 1, p. 138-148, 2017.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PERFIL DOS PARTICIPANTES VIA GOOGLE FORMS® (Professoras)

*O presente questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional no Ensino de Ciências.
Pesquisadora: Rosane C Maximo Ferreira*

1. Quanto anos de experiência no magistério?
2. Quantos anos atua na creche da pesquisa?
3. Em que ano concluiu o ensino médio em Formação de Professores?
4. Você cursou ou está cursando o nível superior?
 Sim
 Não
5. Se sua resposta anterior foi SIM, qual graduação está cursando ou cursou?
6. Você possui pós-graduação *Latu sensu* (Especialização)?
 Sim
 Não
7. Se possui especialização, diga qual o nome e ano de conclusão.

“A inquietude é o estímulo essencial à pesquisa científica”.
Anderson Vailati Ritzmann

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO PERFIL DOS PARTICIPANTES VIA GOOGLE FORMS® (ADEBs e EMIs)

*O presente questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional no Ensino de Ciências.
Pesquisadora: Rosane C Maximo Ferreira*

1. Quanto anos de experiência no magistério?

2. Quantos anos atua na creche da pesquisa?

3. Você fez formação de professores?
 Sim
 Não

4. Você cursou ou está cursando o nível superior?
 Sim
 Não

5. Se sua resposta anterior foi SIM, qual graduação está cursando ou cursou?

“A inquietude é o estímulo essencial à pesquisa científica”.
Anderson Vailati Ritzmann

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO INICIAL (Professoras)

O presente questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional no Ensino de Ciências.

1. Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, mudou alguma coisa?
2. Qual a concepção de infância que abarca a sua prática?
3. Como é trabalhado o currículo de ciências na creche que atua, baseado nas leis vigentes?
4. Você já ouviu falar de EDUCAÇÃO EM SAÚDE?
5. Se já, você acha relevante trabalhar esse tema com as crianças público alvo da EI? Como seria sua abordagem para trabalhar esse tema?

“A inquietude é o estímulo essencial à pesquisa científica”.
Anderson Vailati Ritzmann

Pesquisadora: Rosane C Maximo Ferreira

APÊNDICE D

QUESTIONÁRIO INICIAL (ADEBs e EMIs)

O presente questionário faz parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional no Ensino de Ciências.

1. Da sua infância para os dias atuais, na sua opinião, mudou alguma coisa?
2. Como você percebe a infância na creche?
3. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia da creche em relação a saúde das crianças?
4. O que você pensa quando falamos de ensino de Ciências?
5. Você acha importante abordar temas que envolvam a saúde e higiene, com as crianças na EI? Porque?

“A inquietude é o estímulo essencial à pesquisa científica”.
Anderson Vailati Ritzmann

Pesquisadora: Rosane C Maximo Ferreira

APÊNDICE E

QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL “ILHA DAS DESCOBERTAS” (Professoras)

Pergunta 1: Aponte em poucas palavras a sua impressão a respeito do jogo “Ilha das Descobertas”?

Pergunta 2: É possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto a respeito da Educação em Saúde, abordando o tema Pediculose? Porque?

Pergunta 3: É possível incluir o jogo em um planejamento ou projeto que trate de outros temas relevantes de Educação em Saúde, usando o formato do jogo e adequando ou mudando as investigações propostas nas ilhas, com o mesmo objetivo de proporcionar as crianças conhecimento para promover à saúde? Porque?

Pergunta 4: Os conteúdos abordados no jogo estão de acordo com o currículo proposto para a Educação Infantil?

Pergunta 5: O jogo respeita os eixos estruturantes da EI, interações e brincadeiras, conforme leis vigentes? Como você percebe a ausência ou presença dos eixos no jogo?

Pergunta 6: Há algo que você mudaria no jogo?

Pesquisadora: Rosane Maximo

